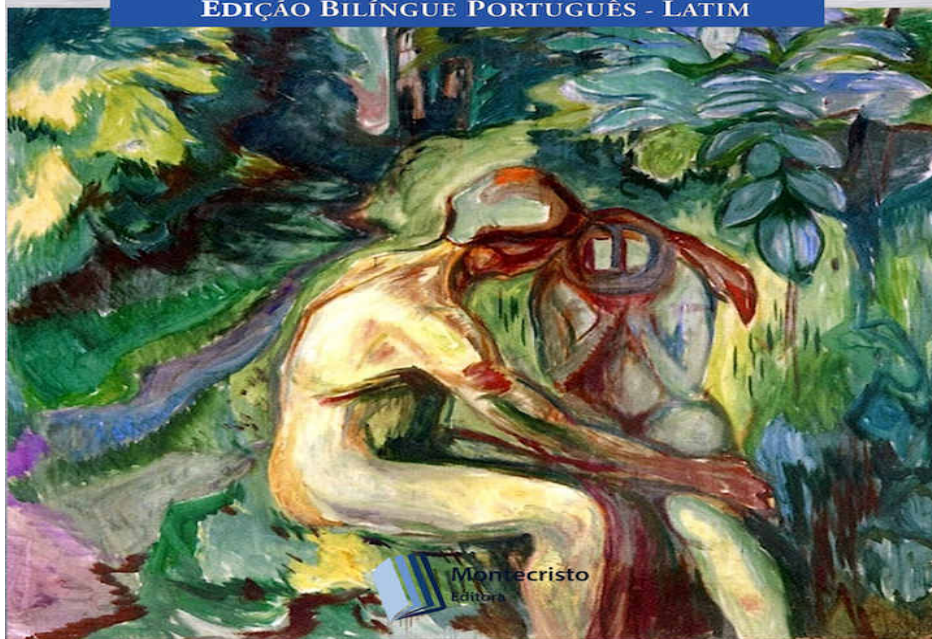


SÊNECA

CONSOLAÇÃO A MINHA MÃE HÉLVIA

EDIÇÃO BILÍNGUE PORTUGUÊS - LATIM



dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by [convertEPub](#)

©2017 Copyright Montecristo Editora

Lúcio Aneu Sêneca

Consolação a Minha Mãe Hélvia

AD HELVIAM MATREM DE CONSOLATIONE

Lucius Annaeus Sêneca

Supervisão de Editoração/Capa
Montecristo Editora

Tradução
Alexandre Pires Vieira

Imagem da Capa
fotografia de "consolação na Floresta" de Edvard Munch

ISBN:
978-1-61965-123-4 - Edição Digital

Montecristo Editora Ltda.
e-mail: editora@montecristoeditora.com.br



**Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP)**
SÊNECA

Consolação a Minha Mãe Hélvia / Sêneca;
introdução, tradução e notas de *Alexandre Pires Vieira*. –
São Paulo, SP : Montecristo Editora, 2017.
Título original: AD HELVIAM MATREM DE
CONSOLATIONE

Sumário

Introdução – Nota do tradutor

Cronologia

CONSOLAÇÃO A MINHA MÃE HÉLVIA

AD HELVIAM MATREM DE CONSOLATIONE

BONUS

Carta I. Sobre aproveitar o tempo

Carta LXVI. Sobre vários aspectos da virtude

Introdução - Nota do tradutor

Consolação a Minha Mãe Hélvia

*"Se não tivesse o amor
Se não tivesse essa dor
E se não tivesse o sofrer
E se não tivesse o chorar
Melhor era tudo se acabar - Vinicius de Moraes - Consolação"*

"O pesar, quando vem, não é como esperamos que seja", observou Joan Didion em sua meditação clássica sobre a perda. Abraham Lincoln, em sua movente carta de consolo para uma jovem jovem afligida, escreveu sobre como o tempo transmuta o sofrimento a *"um sentimento agri-doce em seu coração"*. Mas como, exatamente, é o mecanismo dessa transmutação e como o dominamos antes dele nos dominar quando o sofrimento surge em uma das suas formas imprevisíveis?

Muito antes de Vinicius de Moraes, de Didion, antes de Lincoln, outro titã do pensamento - o filósofo romano Sêneca - abordou esse assunto no que pode ser considerado o cânone das cartas de consolação, colocando em sua missiva uma síntese elegante dos princípios fundamentais do estoicismo.

No ano 41, Sêneca fora condenado ao exílio pelo imperador Cláudio, na ilha mediterrânea da Córsega por um alegado caso com a irmã do imperador Calígula. A acusação provavelmente foi inventada por uma vingança pessoal. Pouco antes ele havia sido condenado à morte e posteriormente perdoado pelo anterior imperador, o louco Calígula. Do exílio ele escreveu uma de suas obras mais extraordinárias - a carta de consolo para sua mãe, Helvia.

Helvia era uma mulher cuja vida tinha sido marcada por uma perda inimaginável - sua própria mãe havia morrido enquanto ela a nascera, e ela enterrou seu marido, seu tio amado e três de seus netos. Vinte dias depois que um de seus netos - o próprio filho de Sêneca - morrera em seus braços, Helvia recebeu notícias de que Sêneca fora levado para a Córsega, condenado à vida no exílio. Esta desgraça final, Sêneca sugere, fez desmoronar a pilha perdas ao longo da vida o o fez escrever a carta trazida por esse livro.

Em vez de meras palavras, Sêneca produz uma obra-prima retórica, trazendo a essência da filosofia do Estoicismo, com partes iguais de lógica e estilo literário. Com um sentimento de estoicismo intransigente, escreve:

"Todas as suas dores foram desperdiçadas se você ainda não aprendeu a sofrer".

Seneca faz uma sólida defesa do mecanismo de auto-proteção mais poderoso da vida - a disciplina de não tomar nada por certo. Por esse motivo sempre considerou com ceticismo os objetivos comuns das pessoas - dinheiro, fama, favores do

estado – objetivos que ele acha ser "*vazio e pintado de cores vistosas e enganosas, sem nada dentro para coincidir com a aparência externas*". Mas o contrário, ele argumenta, é igualmente verdadeiro – as coisas que as pessoas mais comumente temem são tão indignas de medo para o sábio como as coisas que mais desejam são de desejo ao sábio. O próprio conceito de exílio, ele garante à sua mãe, parece tão aterrorizante apenas porque foi filtrado através da lente temível da opinião pública.

Com a lógica do estoicismo, ele continua a confortar sua mãe, levantando esse véu de ilusão popular. Exortando-a a "afastar esse julgamento da maioria que são levados pela aparência superficial das coisas", ele desmantela o suposto infortúnio de todos os componentes do exílio – deslocamento, pobreza, desgraça pública – para revelar que uma pessoa com em paz de espírito e disciplinada pode permanecer feliz, mesmo nas mais difíceis circunstâncias.

Sobre a tradução

A tradução foi baseada em várias versões em inglês todas disponíveis em domínio público. A leitura das seguintes obras foi fundamental para a conclusão deste trabalho: 1. "*Moral Letters to Lucilius by Seneca*" por Richard Mott Gummere¹; 2. *Reading Seneca: Stoic Philosophy at Rome* por Brad Inwood²; 3. *A Guide to the Good Life: The Ancient Art of Stoic Joy*³ por William Braxton Irvine; 4. *Seneca - Selected Letters* por Elaine Fantham⁴

No latim, o uso da segunda pessoa é natural para expressar a relação de proximidade e familiaridade. Nas traduções em português geralmente usa-se a segunda pessoa (*tu*). Contudo, no português atual, principalmente no Brasil, o uso da terceira pessoa (*você*) me parece mais adequado à intenção de Sêneca, que ensinava filosofia a um amigo. Assim, toda a tradução foi feita em terceira pessoa.

Alexandre Pires Vieira

Viena, Janeiro de 2018

Sobre o autor

Lúcio Aneu Sêneca, em latim: *Lucius Annaeus Seneca*, é conhecido também como Sêneca, o jovem ou o filósofo. Nasceu em Córdoba, aproximadamente em 4 a.C. Era de família abastada, que se transferiu para Roma quando ele ainda era criança. Muito jovem, Sêneca estudou com o estoico Átalo e com os neopitagóricos Sótion de Alexandria e Papírio Fabiano, discípulos do filósofo romano Quinto Séxtio.

Provavelmente por motivos de saúde, Sêneca mudou-se, por volta de 20 d.C., para Alexandria, no Egito, de onde retornou a Roma em 31. Aos quarenta anos iniciou carreira como orador e político, tendo rapidamente sido eleito para o senado. Em Roma, estabeleceu vínculos com as irmãs do imperador Calígula: Livila, Drusila e Agripina Menor, mãe do futuro imperador Nero. Sendo figura destacada no senado e no ambiente palaciano, foi envolvido numa conjuração contra Calígula.

Sêneca diz que se livrou da condenação à morte por sofrer de uma doença pulmonar (provavelmente asma). Assim, por intercessão de aliados, Calígula foi convencido que ele estaria condenado a uma morte natural iminente.

Com o assassinato de Calígula em 41, Sêneca tornou-se alvo de Messalina, esposa do imperador Cláudio, num confronto entre esta e as irmãs de Calígula. Acusado de manter relações adúlteras com Livila, foi condenado à morte pelo Senado. Por intervenção do próprio imperador, a pena foi comutada em exílio na ilha de Córsega. O exílio

durou oito anos, período em que o filósofo se dedicou aos estudos e à composição de inúmeras obras.

Em 49 d.C. Agripina, então a nova esposa do imperador Cláudio, possibilitou o retorno de Sêneca e o instituiu como preceptor de seu filho Nero, então com doze anos. Após a morte de Cláudio em 54, Nero foi nomeado seu sucessor e Sêneca tornou-se o principal conselheiro do jovem imperador. No entanto, o conflito de interesses envolvendo, de um lado, Agripina e seus aliados e de outro, conselheiros de Nero, os quais, por sua vez, se opunham a Sêneca, levou a uma crise que resultou na morte de Agripina e no gradual enfraquecimento político de Sêneca.

Em 62, Sêneca solicitou a Nero para se afastar totalmente das funções públicas, contudo o pedido foi negado. De toda forma, alegando saúde precária, Sêneca passou a se dedicar ao ócio, ou seja, à leitura e à escrita. Sua relação com Nero deteriorou-se principalmente pelo prestígio do filósofo no meio político e intelectual, onde era visto como um possível governante ideal. No início de 65, foi envolvido em uma conjuração para derrubar o imperador e foi condenado à morte por suicídio, morreu em 19 de abril.

Sêneca foi simultaneamente dramaturgo de sucesso, uma das pessoas mais ricas de Roma, estadista famoso e conselheiro do imperador. Sêneca teve que negociar, persuadir e planejar seu caminho pela vida. Ao invés de filosofar da segurança da cátedra de uma universidade, ele teve que lidar constantemente com pessoas não cooperativas e

poderosas e enfrentar o desastre, o exílio, a saúde frágil e a condenação à morte. Sêneca correu riscos e teve grandes feitos.

Obras filosóficas de Sêneca:

- [Cartas de um Estoico, Vol I](#) (*Epistulae morales ad Lucilium*)
- [Cartas de um Estoico, Vol II](#)
- [Cartas de um Estoico, Vol III](#)
- [Sobre a Ira](#) (*De Ira*)
- [Consolação a Márcia](#) (*Ad Marciam, De consolatione*)
- [Consolação a Minha Mãe Hélvia](#) (*Ad Helviam matrem, De consolatione*)
- [Consolação a Políbio](#) (*De Consolatione ad Polybium*)
- [Sobre a Brevidade da vida](#) (*De Brevitate Vitae*)
- [Da Clemência](#) (*De Clementia*)
- [Sobre Constância do sábio](#) (*De Constantia Sapientis*)
- [A Vida Feliz](#) (*De Vita Beata*)
- [Sobre os Benefícios](#) (*De Beneficiis*)
- [Sobre a Tranquilidade da alma](#) (*De Tranquillitate Animi*)
- [Sobre o Ócio](#) (*De Otio*)
- [Sobre a Providência Divina](#) (*De Providentia*)
- Sobre a Superstição (*De Superstitione*) perdida, citada por Santo Agostinho.

Além de filosofia, Sêneca escreveu também Tragédias e peças de teatro, bastante populares em sua época:

- Hércules furioso (*Hercules furens*)
 - As Troianas (*Troades*)
 - As Fenícias (*Phoenissae*)
 - Medeia (*Medea*)
 - Fedra (*Phaedra*)
 - Édipo (*Oedipus*)
 - Agamemnon
 - Tiestes (*Thyestes*)
 - Hércules no Eta (*Hercules Oetaeus*)
-

NOTAS:

- 1 [Moral Letters to Lucilius](#)
- 2 [Reading Seneca: Stoic Philosophy at Rome](#)
- 3 [A Guide to the Good Life: The Ancient Art of Stoic Joy](#)
- 4 [Seneca - Selected Letters](#)

CRONOLOGIA

Para a maioria das obras de Seneca não podemos dar datas definitivas

138-78 aC	Lucius Cornelius Sulla.
106-43 aC	Marcus Tullius Cicero.
100-44 aC	Gaius Júlio César.
55 aC	pai de Sêneca, nasce em Corduba, Espanha.
31 aC	Derrota de Antonio na batalha de Actium, final da República.
31 aC	14 Principado de Augusto.
1 aC	Sêneca nascido em Corduba; educação em Roma em retórica e filosofia.
14-37	Principado de Tibério; Sêneca vai para por Egito por razões de saúde.

31	Seneca volta para a Itália; prossegue uma carreira política, eventualmente tornando-se um questor.
37-41	Principado de Caligula; Seneca escreve a Consolação para Marcia
39	Seneca desperta o ciúme de Caligula e é ameaçado com execução.
41	Seneca acusado de adultério com Julia Livilla (irmã de Caligula); e Livros para a Córsega até 49. Escreve Consolação para Helvia e Consolação a Polybeus.
41-54	Principado de Claudius.
49	O retorno de Seneca a Roma é garantido por Agripina; torna-se tutor para seu filho, o jovem Nero, assim como o pretor. Provável que escreve “Sobre a Ira”, “Sobre a Tranquilidade da Alma” e “Sobre a brevidade da vida”
54-68	Principado de Nero. Escreve “Sobre a Vida Feliz”
54-62	consultor principal de Nero (juntamente com Burrus, prefeito da Guarda pretoriana).
55	Nero envenena seu irmão mais novo, Britannicus

55-6	Escreve “Sobre a Misericórdia”
59	Nero mata sua mãe, Agripina. Escreve “Sobre lazer.”
62	Morte de Burrus. Sobre Benefícios. Seneca se aposenta da vida pública. Provavelmente escreve “Sobre a Providência”, “Perguntas naturais” e “Cartas para Lucílio” neste período.
65	Seneca comete suicídio, sob ordens de Nero, depois de ter sido implicado, erroneamente, na conspiração pisoniana contra o imperador.

LÚCIO ANEU SÊNECA

CONSOLAÇÃO A MINHA

MÃE HÉLVIA

I

1. Minha melhor das mães, muitas vezes me senti com vontade de consolar você, e sempre controlei esse impulso. Eu pensei: talvez não consiga conter suas lágrimas, mas que, se eu pudesse limpá-las, eu poderia me livrar de todas as minhas próprias dores: então eu tinha certeza de que eu deveria despertá-la de sua dor com mais autoridade se eu tivesse primeiro resolvido meu problema. Enfim, temia que a fortuna, sobre a qual fui vitorioso, pudesse vencer algum dos meus queridos; de qualquer maneira, pondo a mão sobre a minha chaga, era levado a querer curar suas feridas.

2. Muitas outras razões, de outro lado, afrouxavam esse meu propósito: compreendia que não devia afrontar sua dor ainda recente e ardente, para evitar que os confortos a exasperassem e a aumentassem, visto que também nas doenças nada há mais danoso que um remédio fora de hora. Esperava, portanto, que a violência da dor se abrandasse, e que, mitigada pelo tempo a ponto de suportar os remédios, permitisse ser tocada e observada. Mais ainda, ao rever todas as obras compostas pelos mais ilustres gênios para consolar ou pelo menos

aliviar as dores, não consegui encontrar exemplo algum de alguém que tivesse consolado seus queridos enquanto ele mesmo era por eles lastimado. De modo que a novidade do empreendimento me fazia hesitar e temer que essa não fosse uma consolação, mas uma excitação à dor.

3. Então, comigo estava o pensamento de que um homem que acabava de levantar a cabeça depois de enterrar seu filho, e que desejava consolar seus amigos, exigiria usar frases novas que não fossem as tiradas de nossas palavras comuns de conforto: Toda dor que passa os limites do suportável tira necessariamente a faculdade de escolher as palavras, já que geralmente sufoca também a voz. No entanto, vou toda via fazer a tentativa, não confiando em minha própria capacidade, mas porque o fato de que o consolador seja eu mesmo poderá constituir a mais feliz das consolações. E confio que a mim, a quem nunca negou nada, agora não negará por um limite a suas lágrimas, por muito obstinada que seja a sua tristeza.

II

1. Olha quanta confiança tenho em sua indulgência: tenho certeza de que serei mais forte do que sua dor, sendo que nada é mais forte do que ela entre os sofredores. E para não a afrontar logo, dela me aproximarei antes, e dentro porei tudo o que pode inflamá-la; observarei e reabrirei outra vez todas as chagas já cicatrizadas.

2. Alguém pode dizer: "Que nova maneira de consolar é essa, lembrando os males já sepultados e pondo o cúmulo de todas as suas desventuras frente a uma alma que a muito custo consegue suportar só uma?" Mas reflita, esse alguém, que os males que chegaram a esse ponto de gravidade, isto é, de piorar não obstante o remédio, curam-se geralmente com o tratamento oposto. Então, exibirei frente sua tristeza todas as suas aflições e misérias: isso será efetuar uma cura, não por medidas calmantes, mas por cauterização e faca. E que obterei? Que uma alma, que venceu tantas misérias, enrubesça por não ter a força de suportar, sobre um corpo coberto de cicatrizes, uma nova ferida.

3. Aqueles cujas mentes fracas tenham sido enfraquecidas por um longo período de felicidade, chorem e se lamentem por muitos dias, e desmaiam ao receber o menor golpe: mas aqueles cujos anos foram passados em meio a catástrofes podem suportar as perdas mais severas com coragem e inflexibilidade paciência. O infortúnio contínuo tem essa vantagem, que acaba por tornar insensíveis aqueles que sempre estão a flagelar.

4. Descanso algum lhe concedeu a fortuna, entre os mais graves lutos; e nem excetuou o dia de teu nascimento. Assim que nasceu, ou melhor, enquanto nascia, perdeu sua mãe, e foi, por assim dizer abandonada à vida. Cresceu sob o jugo que uma madrasta, que todavia obrigou, com um respeito e um afeto que só se pode ver numa filha, a ser-lhe realmente mãe; mas não há ninguém a quem uma madrasta mesmo ótima não tenha custado sempre demasiado caro. Perdeu, enquanto esperava a sua chegada, um amorosíssimo tio, homem bom e forte; e, pois, que a fortuna temia apresentar-se muito pouco feroz, deixando-lhe um intervalo de repouso, teve que sepultar no mesmo mês o marido bem-amado, que lhe tornara mãe de três filhos; e esse luto lhe foi anunciado enquanto ainda chorava o outro, enquanto seus filhos estavam longe, como se seus males tivessem sido recolhidos todos propositalmente naquela época para que não tivesse nada sobre o que sua dor pudesse reclinar-se.

5. Não falo dos perigos contínuos e dos sustos, de que sem interrupção suportou os assaltos. Faz pouco tempo que recolheu os ossos de três netos no mesmo seio em que foram criados; e vinte dias depois de celebrar o enterro de meu filho, morto entre seus braços e seus beijos, recebeu a notícia de meu exílio. Somente isso lhe faltava até agora: chorar os vivos.



1. Sim, é verdade: essa recente ferida é a mais grave de quantas já agrediram seu corpo, porque não esfolou somente a pele, mas penetrou profundamente em seu peito até o coração. Mas como os recrutas que gritam mesmo quando levemente feridos, e temem a mão do médico mais do que as espadas, enquanto os veteranos, por mais profundos que sejam os golpes recebidos, suportam pacientemente e sem queixas que seus corpos sejam limpos da podridão como se fossem de outro, assim você agora deve submeter-se com firmeza à cura.

2. Afaste de você as lamúrias e os gemidos e as outras manifestações de dor feminina: Todas as suas dores foram desperdiçadas se você ainda não aprendeu a sofrer. Talvez pareça que lhe tratei com demasiada severidade, não tirando nenhum de seus males, mas antes amontoando-os todos diante de você?

IV

1. A isso me induziu um fim magnânimo: isto é, estabeleci vencer sua dor, não iludi-la. E vencê-la-ei, creio eu, se conseguir demonstrar antes de tudo que não sofro por uma razão a respeito da qual eu poderia ser chamado infeliz e por causa da qual meus familiares poderiam tornar-se infelizes; depois demonstrarei, passando a você, que nem sua fortuna, que em tudo está unida à minha, se pode chamar infeliz.

2. Começarei dizendo, como seu afeto materno almeja ouvir, que eu não tenho mal algum. Se puder, demonstrar-lhe-ei como também as coisas que você pensa que me aniquilam com seu peso não são nem elas intoleráveis. Se, enfim, nisso não for possível acreditar, terei pelo menos o orgulho de estar contente nessas condições, que costumam tornar infelizes os homens. Não creia nos outros, no que dizem a meu respeito: para que não seja agitada por falsas opiniões, declaro a você que não sou em nada infeliz; direi mais, para que tenha maior certeza: nunca poderei ser infeliz.

V

1. A natureza nos gerou em bom estado e nele estaríamos se dela não nos afastássemos. Ela fez com que não precisássemos de muitas coisas para viver prosperamente: cada um pode por si só tornar-se feliz. Pouca importância têm as coisas circunstanciais, tanto que não têm poder, nem, se favoráveis, de exaltar o sábio, nem, se contrárias, de abatê-lo: ele se esforça sempre para pôr em si cada bem seu, para obter de si toda a sua alegria.

2. E com isso pensa talvez que eu queria dizer que sou um sábio? Não, absolutamente; porque, se pudesse mesmo só afirmá-lo, isso significaria que não só não seria infeliz, mas seria o mais feliz de todos os homens e quase um deus. Agora (e isso basta para suavizar qualquer miséria) me entreguei aos sábios, e, ainda incapaz de defender-me por mim, encontrei em campo alheio o abrigo, que facilmente protege a si mesmo e aos seus.

3. Eles me aconselharam que ficasse sempre atento e observasse qualquer ataque, qualquer assalto da desgraça muito antes que me abatesse. A fortuna é grave para aqueles a quem chega inesperadamente; facilmente a suporta quem sempre a espera. Assim, também o ataque de um exército inimigo dispersa os soldados tomados de surpresa; mas se preparados para a guerra antes da guerra, treinados e prontos repelem a primeira investida, que é a mais furiosa.

4. Nunca me entreguei à fortuna, mesmo quando parecia que estava em paz comigo; todos os favores, dos quais muito generosamente me cercava

(riquezas, cargos, prestígio), coloquei-os em tal lugar de onde a mesma fortuna pudesse retomá-los, sem me aborrecer. Deixei sempre grande distância entre mim e eles: tirou-me os favores, portanto, não os arrancou. A fortuna contrária não diminui senão os homens que se deixaram enganar pela prosperidade.

5. Os homens que se agarram a seus presentes como a coisas das quais tem perpétua propriedade, e que por eles querem ser invejados pelos outros, jazem prostrados e aflitos, quando os deleites falsos e fugazes abandonam sua alma vil e pueril, que ignora qualquer prazer real; mas quem na prosperidade não se orgulhou, não se abala se as coisas mudam. Contra um e outro estado têm uma alma invicta, cheia de firmeza já experimentada, porque experimentou na boa fortuna o que é útil contra a infelicidade.

6. Por isso, como nas coisas que todos almejam possuir, sempre pensei não haver algum bem verdadeiro (e as achei vazias e cobertas de uma maquilagem aparente e ilusória, sem nada que parecesse à sua aparência), assim agora, nesses que são chamados males, não encontro nada que seja tão horrível e duro como pode fazer temer a opinião comum. A própria palavra "exílio" chega ao ouvido muito duramente e fere quem a ouve como triste e execrável justamente por essa convicção presente em todos: assim decidiu o povo. Mas o sábio rejeita em grande parte os decretos do povo.

VI

1. Sem dar importância, portanto, ao critério da maioria, que se deixa transportar pela superficialidade e pela opinião corrente, vamos ver o que é o exílio. É, na substância, uma mudança de lugar. Para que não pareça que eu esteja atenuando sua aridez e tirando o que tem de pior, direi ainda os aborrecimentos que derivam dessa mudança: pobreza, desonra, desprezo. Com esses lutarei mais tarde: por enquanto, quero limitar-me a examinar qual é a dor proveniente da pura e simples mudança de lugar.

2. "Viver longe da pátria é intolerável." Olha, pois, para a multidão, à qual não são suficientes as casas da imensa Roma: a maior parte dela está longe de sua pátria. Afluem de seus municípios, de suas colônias, de toda a terra, quem levado pela ambição, quem pelo seu dever de magistrado, quem por uma missão confiada, quem pelo afã de gozar em lugar mais apropriado e rico de vícios, quem pelo desejo de estudos literários, quem pelos espetáculos; alguns foram impelidos pela amizade, outros por uma atividade que encontrou mais amplo teatro para demonstrar a própria virtude; alguns levaram para lá sua venal beleza, outros sua venal eloquência.

3. Nenhuma raça de homens falta na cidade, que oferece grandes prêmios às virtudes e aos vícios. Suponhamos que todas essas pessoas sejam chamadas, uma por uma; e se pergunte a cada uma onde nasceu: veremos que a maioria é formada por

gente que deixou sua residência para se estabelecer numa cidade grandíssima e belíssima, realmente, mas não sua.

4. Em seguida, deixando essa cidade, que se pode chamar cosmopolita, vamos para todas as outras: não existe nenhuma que não tenha sua população em grande parte estrangeira. Deixemos as cidades que atraem as multidões com sua posição amena e com suas campinas risonhas; observemos os lugares mais desertos, as ilhas mais rochosas, Ciatos, Sérifo, Giaro, Cossura¹: não encontraremos lugar algum de exílio, onde alguém não more por seu prazer.

5. Onde se poderá encontrar um rochedo mais desguarnecido do que este? ou mais pobre para quem procure riqueza? ou mais selvagem para quem dê atenção aos homens? ou mais horrível pela posição? ou mais inclemente pelo clima? Apesar de tudo também aqui moram mais estrangeiros do que naturais. A mudança de lugar não é, pois, tão grave, se esse lugar consegue tirar alguém de sua pátria.

6. E há também quem afirme existir nas almas humanas uma certa inclinação natural a mudar de sede e transferir a sua própria residência; pois que o homem recebeu da natureza um intelecto móvel e inquieto, que nunca para num lugar, mas anda de um lado para outro, levando seus próprios pensamentos para qualquer coisa, ansioso de sossego e ávido de novidade.

7. Isso não pode admirar a quem reflita em sua primeira origem; pois que o homem não é formado de pesada matéria terrena, mas deriva do sopro divino: e as coisas celestes estão sempre em

movimento; melhor, fogem em veloz corrida. Olhe as estrelas, que iluminam o mundo: nenhuma delas fica parada. O sol anda continuamente e vai de lugar em lugar e, embora rodando com todo o universo, move-se em sentido contrário ao céu e passa por todos os pontos das constelações e nunca para: seu movimento e seu andar de um lugar a outro são eternos.

8. Todas as coisas rodam e passam: vão de um a outro ponto, como ordena a inexorável lei do mundo; quando terão terminado, durante um determinado período de tempo, sua volta, farão novamente o caminho percorrido. Continue, agora, a pensar que a alma humana, formada pelas mesmas partículas das quais são constituídos os astros, deseja viajar e migrar, quando o próprio deus simpatiza ou talvez vive justamente pelo seu eterno velocíssimo movimento?

VIII

1. Não considerando os outros inconvenientes conexos com o exílio, contra a mudança de lugar pareceu remédio suficiente a Varrão³, o mais douto entre os romanos, pensar que, por toda parte onde formos, teremos ao nosso redor a mesma natureza; e a Bruto⁴ pensar que quem parte pode levar consigo suas virtudes.

2. E se alguém julga ineficaz para consolar o desterrado um só desses dois remédios, deverá reconhecer que juntos são eficazes. De fato, quão pouco é o que perdemos! Mas nos seguem em toda parte as duas coisas mais belas: a natureza comum a todos e a virtude individual.

3. Creia em mim, isso foi feito por aquele que deu forma ao universo, seja ele o Deus Senhor de Tudo, seja a incorpórea razão, artífice das maiores obras, seja o divino espírito difundido com igual intensidade em todas as coisas, máximas e mínimas, seja a fortuna e a série imutável das causas ligadas uma à outra: isto, digo eu, foi feito para que não fiquem ao arbítrio alheio senão as coisas de menor valor.

4. O que no homem há de melhor está além de toda a força humana e não pode ser dado nem tirado. Esse céu, que é a coisa maior e mais bela que a natureza criou, e a alma que o contempla e o admira — e dele é a parte mais nobre — são nossos, sempre, e conosco ficarão enquanto vivermos.

5. Por isso, alegres e de cabeça erguida iremos com passo intrépido aonde quer que a fortuna nos leve,

percorreremos qualquer terra: entre os confins do mundo não há exílio; porque nada daquilo que está dentro dos confins do mundo é estranho ao homem. De qualquer parte o olhar levanta-se igualmente para o céu, a mesma distância separa em qualquer parte as coisas divinas das humanas.

6. Por isso, enquanto meus olhares não se afastarem do espetáculo que nunca os farta; enquanto me for permitido olhar o sol e a lua, fixar os outros planetas, deles observar o nascimento e o ocaso e as distâncias, e indagar as causas que tornam seu curso mais veloz e mais lento, contemplar durante a noite tantas estrelas brilhantes, uma imóvel, outra que se move em curto espaço mas sempre sobre seu caminho, e algumas que aparecem de repente, algumas que espiram centelhas, como se caíssem, tanto que ofuscam a vista, ou brilhantes percorrem voando um grande espaço; enquanto estiver com todas essas coisas e me confundir, tanto quanto é permitido ao homem, com as coisas celestes; enquanto tiver sempre alta a alma, inclinada por sua natureza à contemplação dos astros a ela semelhantes — que importa que solo eu pise?

IX

1. "Mas esta terra não é rica de árvores frutíferas que alegrem a vista; não é sulcada por rios grandes e navegáveis; nada produz que os outros povos venham procurar, é fértil apenas o suficiente para nutrir os habitantes; nela não se abrem pedreiras de mármore procurados, nela não se escavam minas de ouro ou de prata."

2. Acanhada é a alma, que as coisas terrenas deleitam; e é preciso arrancá-la dessas e levá-la para as que em toda parte aparecem igualmente e igualmente resplandecem. Devemos refletir que esses bens terrenos são obstáculos aos verdadeiros bens por causa das opiniões falsas e mentirosas: quanto mais longos pórticos se constroem, quanto mais altas torres se levantam, quanto mais amplos caminhos se abrem, quanto mais profundas se escavam as grutas, quanto mais monumentais se erguem os tetos das salas de jantar, tanto mais todas essas coisas nos esconderão o céu.

3. Embora o acaso lhe tenha atirado em tal lugar, em que a mais luxuosa habitação seja uma choupana, teria na verdade uma alma vil e seria um mesquinho confortador de si mesmo, se se resignasse a isso só, lembrando a choupana de Rômulo. Deve antes dizer: "Esta humilde choupana hospeda virtudes? E então é mais linda que todos os templos, pois que nela estão a justiça, a moderação, a sabedoria, a piedade, a regra para justamente cumprir todos os deveres, a ciência das coisas divinas e humanas. Lugar nenhum é apertado, se

pode conter tantas e tão grandes virtudes, nenhum exílio é tão grave, se nele podemos ir com aquelas virtudes".

4. Bruto, em seu livro *Das Virtudes*, conta ter visto Marcelo⁵ desterrado em Mitilene, e tê-lo encontrado feliz, o quanto pelo menos pode ser um homem, e dedicado aos bons estudos como em nenhum outro período da vida; e diz ainda que por tal motivo teve a sensação, partindo, de ir ele para o exílio, porque voltava sem Marcelo, mais que de deixar Marcelo no exílio.

5. Ó bem-aventurado Marcelo, teu exílio agradou a Bruto mais que teu consulado teria agradado à República! Que homem deve ter sido ele se obteve que um outro se considerasse um desterrado somente porque se afastava dele, e Livros! Que homem deve ter sido para ser admirado por outro homem, que foi admirado, ele próprio, por Catão!

6. Conta ainda Bruto que Júlio César, passando por Mitilene, não parou, porque não podia suportar a cena de um homem reduzido a tão míseras condições. A Júlio César impetrou mais tarde a volta com públicas súplicas o Senado, tão atencioso e meigo, que parecia que todos tivessem naquele dia a alma de Bruto, e que pedissem não para Marcelo, mas para si próprios, para não ficarem e Livross, como teriam ficado sem ele; mas muito mais glorioso foi para Marcelo o dia em que Bruto não suportou deixá-lo e César não suportou vê-lo desterrado, porque teve a fortuna de ver o reconhecimento de ambos: Bruto se sentiu magoado de voltar sem Marcelo, César ficou envergonhado.

7. Não há dúvida de que um homem tão forte como Marcelo tenha exortado inúmeras vezes a si mesmo a suportar o exílio de bom grado com estas palavras: "Não é uma desventura que você esteja bem longe da pátria. Apreendeu de seus estudos pelo menos o suficiente para saber que para o sábio todo lugar é pátria. Por outro lado, o homem que lhe mandou ao exílio não esteve ele mesmo dez longos anos longe da pátria? Esteve para estender os domínios romanos, todavia esteve longe.

8. E agora chama-o a África, que ameaça uma nova guerra, chama-o a Espanha, que consolida a sedição desordenada e abatida, chama-o o infiel Egito, chama-o todo o mundo que espera das agitações do Império a ocasião para revoltar-se. Aonde correrá antes? Contra que parte se voltará? Sua vitória o arrastará para todas as terras. O vulgo pasmado e reverente olhe para ele; você vive contente, porque Bruto lhe admirou!"

X

1. Portanto, Marcelo suportou bem seu exílio, e nada mudou em sua alma a mudança de lugar, embora disso lhe derivasse a pobreza. Mas cada pessoa, que não seja possuída pelo demônio da avareza e do luxo, que confunde a ordem das coisas, sabe que a pobreza não é um mal. Quão pouco basta, de fato, para sustentar um homem! E a quem pode faltar esse pouco, se tem alguma virtude?

2. No que me diz respeito, tenho consciência de ter perdido preocupações, não riquezas. As necessidades do corpo são poucas: pode subtrair-se do frio, e tirar-se a fome e a sede; tudo o que se deseja a mais procura-se para os vícios e não para as necessidades. Não é preciso sondar todo o mar nem encher o ventre com animais matados nem arrancar as ostras das praias desconhecidas dos mares mais longínquos: que os deuses e as deusas exterminem aqueles, cujo afã de coisas raras passa além dos confins de um império, que suscita tantas invejas!

3. Querem que se apanhe para lá do Fásis⁶ alguma raridade para que embeleze seu suntuoso banquete, e não têm vergonha de fazer vir aves desde a Pártia⁷ partos, aos quais ainda não fizemos pagar a derrota de Crasso. De toda parte do mundo acolhem alimentos, conhecidos e ignorados, para sua gula enjoada; da extrema parte do oceano são trazidas as iguarias que seu estômago, estragado pelas gulodices, pode aceitar; vomitam para comer, comem para vomitar, e não se dignam a digerir nem

os petiscos que eles procuram por toda a terra. Quem despreza essas coisas, que dano pode receber da pobreza? Além disso, se alguém as deseja, ela lhe será útil. Sara, de fato, sem querer; e se, não forçado, toma um remédio, pelo menos durante o tempo em que não pode querer, é como se não quisesse.

4. Calígula (que a natureza degenerou, penso eu, para mostrar quanto pode o máximo dos vícios no máximo da prosperidade) gastou em um dia só para um almoço dez milhões de sestércios; e, embora ajudado pela fantasia de seus cortesãos, pode a custo encontrar a maneira de converter o tributo de três províncias num almoço.

5. Paupérrimos são aqueles cujo paladar não se excita senão perante alimentos preciosos: preciosos não por algum excelente sabor ou doçura mas pela raridade e dificuldade de encontrá-los! Caso contrário, se readquirissem o bom senso, que necessidade haveria de tanto trabalho gasto em servir o ventre, de iguarias de países longínquos, e de despovoar e de sondar os abismos? Espalhados jazem os alimentos, que a natureza pôs por toda parte; mas eles, como cegos, os relaxam e percorrem todas as regiões e atravessam os mares para estimular a grande preço a fome, que com pouco poderiam satisfazer.

6. Teríamos vontade de lhes dizer: "Para que faz descer ao mar os navios? Para que arma as mãos contra as feras e contra os homens? Para que corre aqui e acolá afanosamente? Para que acumula riquezas sobre riquezas? Não queria refletir quão pequenos são seus corpos? Não lhes parece uma

loucura, até a mais solene das loucuras, desejar muito, quando o seu corpo pode conter tão pouco? Poderia aumentar seu patrimônio, levar mais longe os confins do Império, mas não dilatar seus corpos. Quando suas compras tenham saído perfeitamente, e seus soldados lhes tenham trazido preciosos manjares, e esses manjares de todas as partes da terra sejam recolhidos, não terá onde por seus banquetes.

7. Para que procura tantas coisas? Na verdade, eram infelizes seus antepassados (sobre cuja virtude se baseiam ainda hoje seus vícios), que preparavam a comida com suas próprias mãos, dormiam no chão e tinham casas ainda não resplandecentes de ouro e templos ainda não reluzentes de pedras preciosas; e juravam religiosamente sobre divindades feitas de argila; e aqueles que a essas divindades tinham implorado, embora certos de morrer, para não faltar à fé jurada, voltavam para o inimigo!

8. E aquele nosso ditador⁸, que ouviu os embaixadores dos samnitas, enquanto que com a mesma mão, com a qual muitas vezes abatera o inimigo e pusera a coroa de louro sobre o altar de Júpiter Capitolino, virava no fogo um modesto alimento, vivia talvez menos feliz do que viveu nosso quase contemporâneo Apício, que na cidade, da qual certa vez foi obrigado a partir pelos filósofos, teve escola de gulodice e contaminou seu tempo com sua ciência?

9. Vale a pena saber como acabou: após dissipar cem milhões de sestércios na cozinha, após gastar em cada orgia somas fabulosas iguais a muitas dádivas de príncipes e às rendas dos tributos do

Estado, por fim, oprimido pelas dívidas, foi obrigado a examinar suas contas; e, calculando que lhe teriam sobrado dez milhões de sestércios, como se viver com dez milhões de sestércios fosse para ele viver sob o espectro da fome, envenenou-se.

10. Que necessidade louca de luxo havia nesse homem, para o qual ter dez milhões de sestércios era pobreza! E agora pensa, se puder, que o que importa é a quantidade de dinheiro, não a da alma... Houve quem se afligiu de possuir dez milhões de sestércios e afastou-se, envenenando-se, daquilo que tantos almejam possuir! Para homem tão estulto, a última bebida foi salutar: os verdadeiros venenos ele os comia e bebia quando não se deleitava somente, mas se vangloriava de banquetes imensos, ostentava seus vícios, arrastava toda a cidade a imitar suas prodigalidades, e levava a segui-lo por tal caminho a juventude, que mesmo sem maus exemplos é por natureza mais inclinada para o mal que para o bem.

11. Isso acontece a quem não usa as riquezas conforme o bom senso, que tem regras bem determinadas, mas conforme seus preciosos hábitos, cujo capricho é demasiado grande para ser dominado. Para a cobiça nada é suficiente, para a natureza basta pouco. **Por isso a pobreza não traz nenhum dano ao desterrado; porque lugar algum de exílio é tão pobre que não seja bastante fértil para alimentar um homem.**

XI — 1. "Mas o eLivros sentirá a falta de suas vestes e de casa." Mesmo se ele desejar essas coisas somente porque são necessárias, não lhe faltará nem teto nem trapo para vestir. Como com pouco se

nutre, assim com pouco se veste: a natureza quis que as necessidades, que ela deu ao homem, não fossem difíceis de satisfazer.

2. Mas se desejar vestes de púrpura repleta de muitas conchas, ou tecidas de ouro, ou bordadas com várias cores e pontos, então este é pobre por culpa não da fortuna mas sua. E se a esse homem devolver tudo o que perdeu, nada obterá mesmo após a restituição, faltar-lhe-á, comparado com aquilo que deseja, mais que quanto falta ao desterrado, comparado com o que possuía.

3. Se deseja vasilhame de ouro e prata ilustrado pela assinatura de antigos artesãos, e bronzes que se tornaram preciosos pela loucura dos amadores, e um exército de escravos, tanto que se torne apertado a casa mais espaçosa, e cavalos ocupados só em comer e engordar, e mármore de todas as regiões; mesmo que todas essas coisas lhe sejam amontoadas na frente, nunca lhe satisfarão sua insaciável alma, mais do que qualquer quantidade de água poderia saciar o homem cuja sede provém não da falta de água mas do queimar das vísceras: porque essa não é sede, mas doença.

4. Nem isso acontece só pelo dinheiro ou pela comida: todos os desejos, que nascem não da necessidade mas do vício, têm a mesma natureza: por muito que se acumule na frente de tais homens, a cobiça desses não terá fim, sempre dará mais um passo. **Quem, portanto, permanece contente entre os limites marcados pela natureza, não conhece a pobreza: quem sair desses limites é pobre mesmo entre as maiores riquezas.** Às necessidades provêm suficientemente também os

lugares do exílio; às coisas supérfluas não bastam os reinos.

5. É sua alma que torna os homens ricos: a alma segue-os no exílio; e quando encontra quanto basta para sustentar o corpo, mesmo nas mais ásperas solidões, é rica e goza de seus bens: à alma nada importa o dinheiro, não mais do que importa aos deuses imortais.

6. Todas essas coisas que os tolos, escravos do próprio corpo, olham admirando — mármore, ouros, pratas, grandes mesas redondas e polidas — são pesos terrenos que não podem atrair uma alma pura e que lembra sua natureza, imune de tal vício e pronta para voar ao céu assim que liberta do corpo, e no entanto observa as coisas divinas com pensamento incansável, quanto lhe permite o grave e importuno cargo dos membros, que a cercam.

7. Por isso não pode nem ser mandada ao exílio, pois que é livre, semelhante aos deuses, presente em todo o espaço e contemporânea a todo o tempo: porque seu pensamento vaga em todos os céus e penetra o passado e o futuro. É esse nosso corpo **miserável, prisão e corrente da alma, que pode ser jogado em qualquer lugar; sobre ele têm poder os suplícios, os roubos, as doenças: a alma é sagrada e eterna, e ninguém lhe pode fazer violência.**

XII

1. A fim de que você não creia que para aliviar os aborrecimentos da pobreza (que é grave só para os homens que a creem assim) eu me sirva unicamente de preceitos dos sábios, observe como são mais numerosos os pobres; nem poderá dizer que eles são mais tristes ou mais preocupados do que os ricos, porque até se diria que são mais felizes quanto menos possuem os objetos que possam magoá-los.

2. Deixemos os pobres e vamos aos ricos; em quantas circunstâncias são eles semelhantes aos pobres? Quando viajam, suas bagagens são só uma parte daquilo que possuem; e, se a viagem impõe pressa, devem privar-se da multidão de acompanhadores. Quando soldados, quanto da própria riqueza levam consigo, visto que a rude vida da milícia impede todo luxo?

3. Os ricos são iguais aos pobres não somente em certas condições de tempo ou por miséria de lugar: quando são tomados pelo tédio das riquezas, escolhem alguns dias em que comem no chão e deixam seu vasilhame de ouro e de prata, servindo-se de louças de barro. Loucos, temem sempre aquilo que às vezes desejam! Imitam a pobreza para experimentar um prazer; e, contudo, quanta escuridão e quanta ignorância daquilo que ela realmente é ofende seus cérebros!

4. Quanto a mim, cada vez que volto com o pensamento aos antigos tempos, tenho pudor de procurar confortos à pobreza: pois a corrupção de nosso tempo chegou a tal ponto que o dinheiro, que

se deixa aos eLivross, é maior do que aquilo que era uma vez o patrimônio dos ricos. É sabido que Homero teve um só escravo; Platão, três; Zenão, de quem teve origem a austera e viril escola estoica, nenhum; e quem poderá dizer que eles tiveram uma vida infeliz, sem arriscar-se a parecer a todos por essa sua opinião infelicíssimo ele mesmo? 5. Para o enterro de Agripa Menênio⁹, que foi mediador de paz entre os nobres e a plebe, foi preciso fazer uma coleta. Atílio Regulo¹⁰, depois de ter dispersado os cartagineses na África, escreveu ao Senado que seu colono tinha ido embora, abandonado seu campo; e o Senado estabeleceu que o campo fosse cultivado durante a ausência de Atílio Regulo às expensas públicas. Não acha que valeria a pena não ter um criado, para ter como colono o povo romano?

6. As filhas de Cipião receberam um dote do erário, porque o pai não lhes deixara nada; e era lógico, por Hércules, que o povo romano pagasse ao menos um tributo a Cipião, pois exigia um tributo anual de Cartago. Felizes os maridos para os quais foi sogro o povo romano! Ou crê que aqueles cujos filhos são casados com dançarinas, que têm um milhão de sestércios de dote, sejam mais felizes que Cipião, cujos filhos receberam em dote do Senado, seu tutor, uma pequena moeda?

7. Como pode queixar-se um desterrado de que lhe falte alguma coisa, se para Cipião faltou o dote, para Regulo um colono, para Menênio o enterro, e se para todos aquilo que faltava foi substituído tanto mais honrosamente, justamente porque faltava? Com esses advogados a pobreza não só é defendida, mas pode tornar-se até agradável.

XIII

1. Poderia responder: "Por que divide artificialmente todas essas coisas, que são toleráveis quando isoladas e não quando juntas? É tolerável mudar de sede, se mudar somente a sede; é tolerável a pobreza, conquanto não se junte a ela a desonra, que abate todas as almas por si só .

2. Às pessoas que me queiram assustar, acumulando diante de mim todos os males, é preciso responder assim: se formos suficientemente fortes contra uma só desgraça, o seremos igualmente contra todas. Como a virtude robustece a alma, ela é por toda parte invulnerável.

3. Se lhe livrar da avareza, que é o mais violento flagelo da humanidade, a ambição não retardará seu caminho; se considerar a morte não como uma pena mas como uma lei da natureza, de modo que a alma fique desembaraçada do medo dela, nenhum outro medo ousará vir aborrecê-la; se está convencido de que a união dos sexos foi dada ao homem não para o prazer mas para a continuação da espécie, estará imune a qualquer outro desejo do prazer. A razão não vence os vícios um por um, mas os abate todos conjuntamente: ela vence uma vez por todas.

4. Pode acreditar-se, talvez, que o sábio seja perturbado pela infâmia, ele que reúne tudo em si e está tão afastado das opiniões do povo? Mais ainda do que a infâmia é uma morte infamante: contudo, Sócrates, com o mesmo rosto, com o qual certa vez, único em Atenas, dominara os trinta tiranos, entrou no cárcere, tornando-o com isso menos infamante:

porque o cárcere não é cárcere quando nele está um Sócrates.

5. Quem pode ser tão cego, perante a verdade, a ponto de achar desonrosa para Marcos Catão a dupla recusa de suas candidaturas à pretoria e ao consulado? Foi antes vergonha para a pretoria e para o consulado, os quais não podiam senão ser honrados por um Catão.

6. Ninguém pode ser desprezado por outrem, se não se desprezou antes a si mesmo. A esse tipo de desonra estão sujeitas as almas covardes e fracas; mas para o homem que se eleva acima e contra os mais cruéis golpes da fortuna, e domina os males que oprimem os outros, as desventuras são como uma auréola. De fato, nós somos tais que nenhuma coisa desperta nossa admiração tanto quanto um homem forte na desventura.

7. Quando, em Atenas, Aristides estava sendo levado ao suplício, quem quer que o encontrasse baixava o olhos e gemia, como se tivesse sido condenado não um homem justo mas a própria justiça: assim mesmo, houve quem lhe cuspsse no rosto. Teria podido sentir indignação, sabendo que ninguém que tivesse a boca pura teria ousado uma tal coisa: ele, ao contrário, limpou o rosto, e sorrindo disse ao magistrado, que o acompanhava: "Avisse esse tal que de agora em diante não boceje mais tão indecentemente". E foi esse o melhor modo de se fazer vilania à vilania.

8. Sei que alguns dizem que não há pior coisa que o desprezo e que prefeririam a morte. A esses

responderei que geralmente o exílio não produz o desprezo: quando cai um grande homem (e continua grande mesmo no chão), ele não é desprezado mais do que quanto o sejam as ruínas dos templos, que os devotos adoram igualmente como se estivessem de pé.

XIV

1. Então, minha querida mamãe, não tem, pelo que me diz respeito, nenhum motivo para se consumir em pranto: resta examinar, ainda, se podem estimular-lhe motivos particulares; isto é, se pode lhe magoar a ideia de que perdeu uma ajuda e uma defesa, ou a ideia de que não pode suportar minha falta.

2. Para a primeira bastam poucas palavras, porque conheço sua alma, e sei que ela, em seus entes queridos, não ama senão eles mesmos. Esta ideia se refere às mães, que, com feminina incapacidade de controle, querem controlar os poderes dos filhos; às mães que, como as mulheres não podem exercer os cargos públicos, satisfazem à própria ambição por meio dos filhos, pondo-a a serviço dos outros.

3. teve grande prazer nos bens de seus filhos, muito pouco gozou dos mesmos, impôs sempre um limite à nossa generosidade, sem impor limite algum a si mesma; quando ainda vivo seu pai, aumentou a riqueza que seus filhos possuíam; administrou nossos haveres com o mesmo cuidado como se fossem seus, com o mesmo escrúpulo como se fossem de outrem; não procurou nenhuma vantagem de nossa influência, como se fosse coisa de outrem, e de nossas honras não lhe foi dado mais do que o comprazimento e as despesas: nunca seu afeto visou ao útil. Não pode, pois, lhe magoar, porque ao filho, que lhe foi arrancado, falem as coisas que quando ele se encontrava no primitivo estado, nunca as achou necessárias a seu afeto.

XV

1. Para lhe dar conforto, devo bater sobre a verdadeira origem de sua grande dor de mãe: "Tenho, então, que me privar do abraço de meu filho amado; não posso ter a alegria de vê-lo e de falar-lhe! Onde está aquele em cuja presença a tristeza desaparecia de meu rosto e no qual derramava qualquer pensamento triste meu? Onde estão os colóquios, que não me saciavam, os estudos dos quais participava com maior interesse do que é de costume entre as mulheres, com maior camaradagem do que é comum ver nas mães? Onde estão os encontros, nos quais, ao ver sua mãe, ele se iluminava de um riso de eterna criança?"

2. Junta a isso a vista dos lugares, onde gozamos e vivemos juntos, e, necessariamente, a vista de todos os objetos, que lembram nossa recente vida em comum, estímulo eficaz para azedar a dor: pois a fortuna quis completar sua cruel maquinação contra você, fazendo com que se afastasse, tranquila e sem nem a suspeita de um semelhante acontecimento, apenas dois dias antes de me golpear.

3. Foi um bem a distância que nos manteve afastado um do outro; foi um bem nossa separação de alguns anos para preparar-lhe a essa desgraça: volte, ao contrário, não para ter a alegria de ver seu filho mas para perder o costume de estar longe dele. Se tivesse partido muito tempo antes, teria suportado com maior coragem o golpe, pois a longa separação teria atenuado a saudade; se não lhe tivesse afastado novamente, teria tido pelo menos o

extremo prazer de ver seu filho dois dias mais. Ao contrário, a fortuna cruel dispôs as coisas de modo que nem estivesse a meu lado na desgraça, nem estivesse habituada à ausência.

4. Mas, quanto mais graves são essas dores tanto mais deve chamar em socorro todas as suas forças, e enfrentar, por assim dizer, com maior ímpeto, esse inimigo, que conhece e que muitas vezes já derrotou. O sangue que agora derrama não brota de meu corpo invulnerado: a nova ferida lhe alcançou através das cicatrizes precedentes.

XVI

1. Não é razoável que lhe desculpe dizendo que é mulher, porque às mulheres é concedido o direito de chorar em demasia, mas não sem um limite. Nossos antepassados estabeleceram dez meses de luto para as mulheres que choravam o marido. Não proibiam o luto, mas lhe impunham um termo; afligir-se sem medida, mesmo quando se perde alguém dos entes mais queridos, é um gosto tolo, e não afligir-se em absoluto é dureza desumana: entre o sentimento e a razão o meio-termo ideal é sentir a dor da perda e reprimi-la.

2. Não é razoável que pense em certas mulheres a cuja dor só a morte põe fim (e você conhece algumas que, pondo o luto pela morte de um filho, nunca mais o tiraram). De você, ao contrário, pela energia que sua vida exigiu desde o começo, temos o direito de esperar mais: não pode assumir como desculpa ser mulher quem sempre foi imune aos defeitos das mulheres.

3. Não lhe arrastou no número das demais o pior vício de nosso tempo, a falta de pudor; não lhe dobraram nem as joias nem as pérolas; a riqueza nunca conseguiu brilhar a seus olhos como o máximo bem do gênero humano; a imitação dos piores, que é perigosa mesmo para os honestos, não a afastou do caminho certo, você que foi criada numa casa antiga e austera; nunca se envergonhou de sua fecundidade como se fosse coisa repreensível no seu tempo; nunca escondeu, como se fosse um peso vulgar, seu ventre prenhe, como fazem as

outras, que se dedicam somente à beleza; nunca suprimiu no ventre os filhos concebidos;

4. Não maculou o seu rosto de cosméticos; nunca lhe agradaram os vestidos com os quais, quem os veste, está mais nua do que se estivesse nua: único enfeite, beleza superior a qualquer outra e não vinculada a idade alguma, máximo orgulho foi para você sempre a modéstia.

5. Não podemos, pois, para legitimar sua dor, servirmo-nos do pretexto de seu sexo, do qual suas virtudes lhe afastaram: deve manter-se tão longe dos prantos femininos quanto se manteve dos defeitos. Nem as mulheres lhe deixarão consumir sobre sua ferida, se querem tomar como exemplo aquelas cuja admirada virtude pôs entre o número dos grandes.

6. A fortuna reduziu a dois os doze filhos de Cornélia¹¹: dez mortos (se repararmos no número) e Gracos (se quisermos fazer a estimação da perda). Contudo, às pessoas que ao redor dela choravam e imprecavam contra seu destino impôs não acusar a fortuna, que lhe dera por filhos os Gracos. De uma tal mulher é justo que nasceu aquele que na assembleia ousou dizer: "Você ousas dizer mal de minha mãe, que gerou a mim?" Mas muito mais corajosas me parecem as palavras da mãe: porque o filho mostrou ser orgulhoso de sua estirpe, a mãe mostrou ser orgulhosa também da morte dos filhos.

7. Rutília seguiu no exílio o filho Cota, e o afeto prendeu-a de modo que preferiu enfrentar o exílio a enfrentar a dor de estar longe; e não voltou para a pátria senão quando voltou o filho. Com a mesma

coragem, com a qual o seguira perdeu-o mais tarde, quando tinha voltado e já se sentia posto em evidência na vida pública; e ninguém a viu chorar depois que o levaram embora. No exílio mostrou sua força de alma, na morte sua sensatez, porque nada conseguiu amedrontar seu amor materno, e nada a fez insistir numa aflição inútil e tola. Quero que você esteja no número dessas mulheres, e que siga, em dominar e reduzir seu desgosto, o magnânimo exemplo dessas como sempre dessas imitou a vida.

XVII

1. Compreendo que isso não está em nosso poder, nem podemos dominar nossas comoções: especialmente as comoções que se originam da dor e são indomáveis e rebeldes a qualquer tratamento. Queremos sepultá-las e sufocar os gemidos: ao contrário, as lágrimas escorrem pelo rosto que finge estar calmo; queremos ocupar a mente nos jogos e nos espetáculos dos gladiadores: ao contrário, mesmo no meio dos espetáculos, que nos deveriam distrair, basta a sombra da saudade para reviver a paixão.

2. É melhor, pois, vencê-la do que enganá-la; porque das distrações, dos prazeres e dos negócios ressurgue, e toma vigor do descanso para tornar-se cada vez mais áspera; ao contrário, se ceder à razão, acalma-se para sempre. Por isso, não lhe recomendarei, como sei que muitos fazem, que faça uma viagem longa que a ocupe, ou agradável que a divirta, nem que ocupe teu tempo revendo diligentemente as contas e administrando o patrimônio; nem que ocupe-se sempre com algum novo trabalho. Todas essas coisas são apenas levemente úteis para a dor; e não quero que ela seja enganada, mas que acabe.

3. Por isso incito-lhe a procurar refúgio onde todos os que procuram conforto para suas mágoas deviam refugiar-se: nos estudos da filosofia. Eles saberão sarar sua ferida, arrancando de você toda queixa. Você agora os deveria cultivar mesmo se nunca tivesse tido familiaridade com eles; mas você,

porquanto lhe permitiu a austeridade de meu velho pai, abordou todas as boas artes, embora sem aprofundar seu estudo.

4. Oh! se meu pai, que era o melhor dos homens, mas estava demasiadamente preso aos costumes dos antepassados, tivesse desejado que você fosse ensinada ao invés de informada somente dos preceitos da sabedoria! Agora, contra os golpes da fortuna, precisaria não procurar auxílios mas servir-se dos que teria. Mas meu pai não quis que você seguisse sua inclinação para esses estudos por causa das mulheres que se servem da cultura não para tirar regras de sabedoria e sim para enfeitar-se com ela como com custosa joia. Todavia, graças à sua pronta inteligência, assimilou mais que quanto pudesse fazer supor o tempo dedicado à cultura: já lançou os alicerces de toda disciplina.

5. Volte para ela, agora: ela lhe protegerá. Ela lhe consolará, lhe deleitará; se entrar em sua alma, acolhida com sincera fé, nela não entrará mais a dor, nem as preocupações, nem o inútil tormento de uma vã aflição: para nenhum desses males estará aberto seu peito, que para as outras fraquezas está, há tempo, fechado. Ela é realmente o mais seguro castelo, e só ela poderá lhe arrancar do arbítrio da fortuna.

XVIII

1. Mas, visto que, enquanto não entrar no porto que os estudos lhe prometem, precisa de algum amparo onde apoiar, quero mostrar-lhe de que alívios pode dispor. Dirija seu olhar para meus irmãos: se eles estão salvos, não é justo que você acuse a fortuna.

2. Em um ou outro tem razões de alegria diferente: um, com sua atividade alcançou as mais altas honras, outro sabiamente delas se manteve afastado. Viva tranquila na dignidade do primeiro, na paz do segundo, no afeto de ambos. Conheço os sentimentos profundos de meus irmãos: o primeiro ama as honras só para que ornem você, o outro fechou-se numa vida pacífica e calma só para se dedicar a você.

3. A fortuna situou seus filhos da melhor maneira, para que lhe deem auxílio e deleite: pode ser defendida pela autoridade de um, gozar do ócio do outro. Disputarão entre eles as atenções para contigo, e a saudade de um será compensada pelo afeto de dois filhos: poderá até afirmar sem erro que não lhe falta nada em relação a seus filhos, senão a quantidade.

4. Desses dirige o olhar a seus netos: ao gracioso menino que é Marco¹², diante do qual nenhum aborrecimento pode durar, nenhuma dor, por grande e recente que seja, pode arder no peito de ninguém: o menino vivaz tudo alivia!

5. Que lágrimas não enxugaria seu riso? Que rugas de dor não estenderiam suas carícias? Quem não

seria convidado a brincar pela sua alegria? Quem não se sentiria atraído e afastado de seus pensamentos, embora profundos, por aquele seu conversar infantil do qual nunca nos cansaríamos?

6. Queiram os deuses conceder-nos que ele sobreviva a nós! Sobre mim pare cansada toda a crueldade da fortuna; todas as dores de sua mãe, todas as dores de sua avó, transfiram-se para mim: os outros gozem sempre de seu estado atual. Nenhuma queixa farei sobre meu luto e sobre minha condição, conquanto tenha sido eu o bode expiatório da família, de modo que a ela não chegue nenhuma outra desgraça.

7. Pegue no colo Novatila, que logo lhe dará bisnetos, e cujo afeto eu cultivava tanto, e que considerava tão minha que agora, por me ter perdido, se pode chamar órfã, embora o pai esteja ainda vivo: ame-a também por mim. A fortuna lhe arrancou a mãe, há pouco tempo: seu afeto pode fazer com que ela se magoe pela perda, mas não sinta a falta da mamãe.

8. Agora é o momento de regularizar seus costumes, de formar seu caráter: mais profundamente descem os preceitos que se imprimem nas almas de tenra idade. Acostume-se a falar contigo, cresça como você a quer: dê-lhe muito, mesmo que só lhe dê o exemplo. Este sagrado dever será para você como um remédio, porque nada mais que a razão ou uma sábia ocupação pode tirar da dor uma alma que se aflige por uma pessoa querida.

9. Contaria entre os maiores alívios seu pai, se não estivesse longe de você. Todavia, pelos sentimentos

que nutre para com ele, pense quais sejam os seus para contigo: compreenderá quanto é mais justo que você se conserve para eles antes que estar fixa sobre mim. Cada vez que lhe invadir a violência sem limite da dor e ela lhe quiser arrastar consigo, pense em seu pai. Você, dando-lhe tantos netos e bisnetos, não lhe pode considerar filha única; todavia, depende de você que esse último período de sua vida seja sereno como foi feliz a vida passada. Enquanto ele viver, não é justo que você se queixe de viver.

XIX

1. Ainda não falei de seu maior conforto, de sua irmã¹³ daquele coração a você mais que fiel, no qual passam indivisivelmente todas as suas mágoas, daquela alma maternal para nós todos. Com ela você confunde suas lágrimas, em seu seio retoma a viver.

2. Ela é sempre o eco fiel de seus sentimentos: só pelo que me diz respeito, sua dor não é causada somente por sua dor. Suas mãos me levaram a Roma; seus cuidados afetuosos e maternais me restabeleceram após longa doença; para ser útil no meu cargo como *questor*¹⁴, ela, que antes não teria ousado nem falar nem responder em voz alta aos cumprimentos, aumentou suas relações, e por mim, pelo afeto que me dedicava, venceu a timidez. Sua vida retirada, sua humildade no meio de tanta insolência de outras mulheres, sua calma, seus costumes modestos e amante da paz familiar, não impediram que se tornasse por mim até ambiciosa.

3. Esse é o alívio, minha querida mãe, pelo qual será acalmada: fique perto da irmã o mais que puder, ligue-se a ela com apertados abraços. Quem está aflito procura fugir daqueles que sobretudo ama e procura liberdade para sua dor; você, ao contrário, com qualquer pensamento, aproxime-se dela: caso queira continuar a ficar neste estado, caso queira afastar-se deste estado, sua dor encontrará em tua irmã ou um fim ou uma companhia.

4. Mas. se não me engano, quanto à experiência dessa tão perfeita mulher, ela não permitirá que se

consoma numa estéril tristeza, e lhe porá diante seu exemplo, do qual fui também um espectador. Ela perdera o esposo querido, nosso tio (com o qual casara ainda jovem), mesmo durante a viagem por mar; contudo, suportou ao mesmo tempo a dor e o medo e, vencendo a tempestade, náufraga trouxe salvo o cadáver do marido.

5. Quantos admiráveis feitos de muitas mulheres jazem sepultados no esquecimento! Se a ela fosse dado por fortuna viver nos tempos antigos, tão simples em sua admiração pelas virtudes, quantos escritores, disputando entre si, celebrariam essa esposa que, esquecendo ser uma fraca mulher, esquecendo o mar, terrível mesmo para os corações mais fortes, expôs ao perigo sua própria vida para sepultar o cadáver, e não temeu o perigo, porque pensava no enterro do esposo.

É celebrada por Eurípides a mulher¹⁵ que se ofereceu em substituição ao marido mas até mais querer dar-lhe sepultura com o perigo da vida, porque maior é o amor que enfrenta um perigo igual para uma vantagem menor.

6. Depois disso, ninguém se admire de que ela não tenha sido vista em público por dezesseis anos, durante os quais o marido governou o Egito, e que não admitiu em casa nenhum habitante da província, e que nada pediu ao marido, e que nunca permitiu a ninguém que lhe pedisse alguma coisa. Por isso, aquela província mexeriqueira e hábil em dizer mal dos prefeitos, onde também os que eram isentos de culpa foram atingidos pela maledicência, admirou-a como exemplo único de santidade, e, coisa difícil para quem ama as indiretas mesmo

se perigosas, conteve a seu respeito toda liberdade de palavra, e hoje, sem esperança, deseja uma prefeita a ela semelhante. Teria sido muito se aquela província durante dezesseis anos a tivesse louvado; e, até mais, que a tenha ignorado.

7. Lembro esses fatos não para dizer seus louvores, que um acento tão breve diminui, para que você entenda a magnanimidade dessa mulher, que não foi vencida pela ambição e pela avareza, companheiras e peste de toda potência, e que o medo da morte, quando o navio já quebrado lhe mostrava iminente o naufrágio, não assustou a ponto de fazer com que desistisse, presa ao marido morto, de procurar não uma salvação para ela mas o modo de levar a salvo o cadáver para sepultá-lo. Você deve mostrar-se igual a ela em força da alma e retomar coragem, e comportar-se de maneira que ninguém possa pensar que se arrepende de ter tido a mim como filho.

1. No entanto, uma vez que é necessário, o que quer que você faça, que seus pensamentos às vezes reverterem a mim e que eu devo agora estar presente em sua mente com mais frequência do que seus outros filhos, não porque eles são menos queridos para você, mas porque é natural colocar as mãos com mais frequência em um lugar que dói uma; Aprenda como você deve pensar em mim: estou tão alegre e animado quanto em meus melhores dias: de fato, estes dias são meus melhores, porque minha mente está aliviada de toda a pressão de negócios e está a vontade para atender aos seus próprios assuntos, a um tempo se diverte com estudos mais leves, em outro pressiona ansiosamente suas investigações sobre sua própria natureza e a do universo: primeiro considera os países do mundo e sua posição: então o caráter do mar que flui entre eles e o refluxos e fluxos alternativos de suas marés;

2. Em seguida, investiga todos os terrores que se encostam entre o céu e a terra, a região despedaçada por trovões, relâmpagos, rajadas de vento, vapor, chuvas de neve e granizo. Finalmente, tendo percorrido cada um dos reinos abaixo, ela se aproxima do mais alto paraíso, goza do mais nobre de todos os espetáculos, das coisas divinas e, lembrando-se de ser eterno, analisa tudo o que foi e tudo o que será para sempre e sempre.

L. ANNAEI SENECAE DIALOGORVM LIBER XII AD HELVIAM MATREM DE CONSOLATIONE

I.

1. Saepe iam, mater optima, impetum cepi consolandi te, saepe continui. Vt auderem multa me inpelebant: primum uidebar depositurus omnia incommoda, cum lacrimas tuas, etiam si suppressere non potuissem, interim certe abstersissem; deinde plus habiturum me auctoritatis non dubitabam ad excitandam te, si prior ipse consurrexissem; praeterea timebam ne a me uicta fortuna aliquem meorum uinceret. Itaque utcumque conabar manu super plagam meam inposita ad obliganda uulnera uestra reptare. 2. Hoc propositum meum erant rursus quae retardarent: dolori tuo, dum recens saeuiret, sciebam occurrendum non esse ne illum ipsa solacia irritarent et accenderent — nam in morbis quoque nihil est perniciosius quam inmatura medicina; expectabam itaque dum ipse uires suas frangeret et ad sustinenda remedia mora mitigatus tangi se ac tractari pateretur. Praeterea cum omnia clarissimorum ingeniorum monumenta ad compescendos moderandosque luctus composita euoluerem, non inueniebam exemplum eius qui consolatus suos esset, cum ipse ab illis

comploraretur; ita in re noua haesitabam uerebarque ne haec non consolatio esset sed exulceratio. 3. Quid quod nouis uerbis nec ex uulgari et cotidiana sumptis adlocutione opus erat homini ad consolandos suos ex ipso rogo caput adleuanti? Omnis autem magnitudo doloris modum excedentis necesse est dilectum uerborum eripiat, cum saepe uocem quoque ipsam intercludat. 4. Vtcumque conitar, non fiducia ingenii, sed quia possum instar efficacissimae consolationis esse ipse consolator. Cui nihil negares, huic hoc utique te non esse negaturam, licet omnis maeror contumax sit, spero, ut desiderio tuo uelis a me modum statui.

II.

1. Vide quantum de indulgentia tua promiserim mihi: potentio rem me futurum apud te non dubito quam dolorem tuum, quo nihil est apud miseros potentius. Itaque ne statim cum eo concurram, adero prius illi et quibus excitetur ingeram; omnia proferam et rescindam quae iam obducta sunt. 2. Dicet aliquis: 'quod hoc genus est consolandi, oblitterata mala reuocare et animum in omnium aerumnarum suarum conspectu conlocare uix unius patientem?' Sed is cogitet, quaecumque usque eo pernicio sa sunt ut contra remedium conualuerint, plerumque contrariis curari. Omnis itaque luctus illi suos, omnia lugubria admoue bo: hoc erit non molli uia mederi, sed urere ac secare. Quid consequar? ut pudeat animum tot miseriarum uictorem aegre ferre unum uulnus in corpore tam cicatricoso. 3. Fleant itaque diutius et gemant, quorum delicatas mentes eneruauit longa felicitas, et ad leuissimarum iniuriarum motus conlabantur: at quorum omnes anni per calamitates transierunt, grauissima quoque forti et immobili constantia perferant. Vnum habet adsidua infelicitas bonum, quod quos semper uexat nouissime indurat. 4. Nullam tibi fortuna uacationem dedit a grauissimis luctibus, ne natalem quidem tuum excepit: amisisti matrem statim nata, immo dum nasceris, et ad uitam quodam modo exposita es. Creuisti sub nouerca, quam tu quidem omni obsequio et pietate, quanta uel in filia conspici potest, matrem fieri coegisti; nulli tamen non magno constitit etiam bona nouerca. Auunculum indulgentissimum, optimum ac fortissimum uirum, cum aduentum eius expectares, amisisti; et ne saeuitiam suam fortuna leuiorem

diducendo faceret, intra tricesimum diem carissimum uirum, ex quo mater trium liberorum eras, extulisti. 5. Lugenti tibi luctus nuntiatus est omnibus quidem absentibus liberis, quasi de industria in id tempus coniectis malis tuis ut nihil esset [haberes] ubi se dolor tuus reclinaret. Transeo tot pericula, tot metus, quos sine interuallo in te incursantis pertulisti: modo modo in eundem sinum ex quo tres nepotes emiseras ossa trium nepotum recepisti; intra uicesimum diem quam filium meum in manibus et in osculis tuis mortuum funeraueras, raptum me audisti: hoc adhuc defuerat tibi, lugere uiuos.

III.

1. Grauiissimum est ex omnibus quae umquam in corpus tuum descenderunt recens uulnus, fateor; non summam cutem rupit, pectus et uiscera ipsa diuisit. Sed quemadmodum tirones leuiter saucii tamen uociferantur et manus medicorum magis quam ferrum horrent, at ueterani quamuis confossi patienter ac sine gemitu uelut aliena corpora exsaniari patiuntur, ita tu nunc debes fortiter praebere te curationi. 2. Lamentationes quidem et eiulatus et alia per quae fere muliebris dolor tumultuatur amoue; perdidisti enim tot mala, si nondum misera esse didicisti. Ecquid uideor non timide tecum egisse? nihil tibi subduxi ex malis tuis, sed omnia coaceruata ante te posui.

IV.

1. Magno id animo feci; constitui enim uincere dolorem tuum, non circumscribere. Vincam autem, puto, primum si ostendero nihil me pati propter quod ipse dici possim miser, nedum propter quod miseros etiam quos contingo faciam; deinde si ad te transiero et probauero ne tuam quidem grauem esse fortunam, quae tota ex mea pendet. 2. Hoc prius adgrediar quod pietas tua audire gestit, nihil mihi mali esse. Si potuero, ipsas res quibus me putas premi non esse intolerabiles faciam manifestum; sin id credi non potuerit, at ego mihi ipse magis placebo, quod inter eas res beatus ero quae miseros solent facere. 3. Non est quod de me aliis credas: ipse tibi, ne quid incertis opinionibus perturberis, indico me non esse miserum. Adiciam, quo securior sis, ne fieri quidem me posse miserum.

V.

1. Bona condicione geniti sumus, si eam non deseruerimus. Id egit rerum natura ut ad bene uiuendum non magno apparatu opus esset: unusquisque facere se beatum potest. Leue momentum in aduenticiis rebus est et quod in neutram partem magnas uires habeat: nec secunda sapientem euehant nec aduersa demittunt; laborauit enim semper ut in se plurimum poneret, ut a se omne gaudium peteret. 2. Quid ergo? sapientem esse me dico? Minime; nam id quidem si profiteri possem, non tantum negarem miserum esse me, sed omnium fortunatissimum et in uicinum deo perductum praedicarem: nunc, quod satis est ad omnis miserias leniendas, sapientibus me uiris dedi et nondum in auxilium mei ualidus in aliena castra confugi, eorum scilicet qui facile se ac suos tuentur. 3. Illi me iusserunt stare adsidue uelut in praesidio positum et omnis conatus fortunae, omnis impetus prospicere multo ante quam incurrant. Illis grauis est quibus repentina est: facile eam sustinet qui semper expectat. Nam et hostium aduentus eos prosternit quos inopinantibus occupauit: at qui futuro se bello ante bellum parauerunt, compositi et aptati primum qui tumultuosissimus est ictus facile excipiunt. 4. Numquam ego fortunae credidi, etiam cum uideretur pacem agere; omnia illa quae in me indulgentissime conferebat, pecuniam honores gratiam, eo loco posui unde posset sine motu meo repetere. Interuallum inter illa et me magnum habui; itaque abstulit illa, non auulsit. Neminem aduersa fortuna comminuit nisi quem secunda decepit. 5. Illi qui munera eius uelut sua et perpetua amauerunt, qui se suspici

propter illa uoluerunt, iacent et maerent cum uanos
et pueriles animos, omnis solidae uoluptatis ignaros,
falsa et mobilia oblectamenta destituunt: at ille qui
se laetis rebus non inflauit nec mutatis contrahit.
Aduersus utrumque statum inuictum animum tenet
exploratae iam firmitatis; nam in ipsa felicitate quid
contra infelicitatem ualeret expertus est. 6. Itaque
ego in illis quae omnes optant existimaui semper
nihil ueri boni inesse, tum inania et specioso ac
deceptorio fuco circumlita inueni, intra nihil habentia
fronti suae simile: nunc in his quae mala uocantur
nihil tam terribile ac durum inuenio quam opinio
uulgi minabatur. Verbum quidem ipsum persuasione
quadam et consensu iam asperius ad aures uenit et
audientis tamquam triste et execrabile ferit: ita enim
populus iussit, sed populi scita ex magna parte
sapientes abrogant.

VI.

1. Remoto ergo iudicio plurium, quos prima rerum species, utcumque credita est, aufert, uideamus quid sit exilium. Nempe loci commutatio. Ne angustare uidear uim eius et quidquid pessimum in se habet subtrahere, hanc commutationem loci sequuntur incommoda, paupertas ignominia contemptus. Aduersus ista postea configam: interim primum illud intueri uolo, quid acerbi adferat ipsa loci commutatio. 2. 'Carere patria intolerabile est.' Aspice agedum hanc frequentiam, cui uix urbis inmensae tecta sufficiunt: maxima pars istius turbae patria caret. Ex municipiis et coloniis suis, ex toto denique orbe terrarum confluerunt: alios adduxit ambitio, alios necessitas officii publici, alios inposita legatio, alios luxuria opportunum et opulentum uitii locum quaerens, alios liberalium studiorum cupiditas, alios spectacula; quosdam traxit amicitia, quosdam industria laxam ostendendae uirtuti nancta materiam; quidam uenalem formam attulerunt, quidam uenalem eloquentiam. 3. Nullum non hominum genus concucurrit in urbem et uirtutibus et uitii magna pretia ponentem. Iube istos omnes ad nomen citari et 'unde domo' quisque sit quaere: uidebis maiorem partem esse quae relictis sedibus suis uenerit in maximam quidem ac pulcherrimam urbem, non tamen suam. 4. Deinde ab hac ciuitate discede, quae ueluti communis potest dici, omnes urbes circumi: nulla non magnam partem peregrinae multitudinis habet. Transi ab iis quarum amoena positio et opportunitas regionis plures adlicit, deserta loca et asperrimas insulas, Sciathum et Seriphum, Gyaram et Cossuran percense: nullum inuenies

exilium in quo non aliquis animi causa moretur. 5. Quid tam nudum inueniri potest, quid tam abruptum undique quam hoc saxum? Quid ad copias respicienti ieiunius? Quid ad homines inmansuetius? Quid ad ipsum loci situm horridius? Quid ad caeli naturam intemperantius? Plures tamen hic peregrini quam ciues consistunt. Vsque eo ergo commutatio ipsa locorum grauis non est ut hic quoque locus a patria quosdam abduxerit. 6. Inuenio qui dicant inesse naturalem quandam irritationem animis commutandi sedes et transferendi domicilia; mobilis enim et inquieta homini mens data est, nusquam se tenet, spargitur, et cogitationes suas in omnia nota atque ignota dimittit, uaga et quietis inpatiens et nouitate rerum laetissima. 7. Quod non miraberis, si primam eius originem aspexeris: non est ex terreno et graui concreta corpore, ex illo caelesti spiritu descendit; caelestium autem natura semper in motu est, fugit et uelocissimo cursu agitur. Aspice sidera mundum inlustrantia: nullum eorum perstat. <Sol> labitur adsidue et locum ex loco mutat et, quamuis cum uniuerso uertatur, in contrarium nihilo minus ipsi mundo refertur, per omnis signorum partes discurrit, numquam resistit; perpetua eius agitatio et aliunde alio commigratio est. 8. Omnia uoluuntur semper et in transitu sunt; ut lex et naturae necessitas ordinauit, aliunde alio deferuntur; cum per certa annorum spatia orbes suos explicuerint, iterum ibunt per quae uenerant: i nunc et humanum animum, ex isdem quibus diuina constant seminibus compositum, moleste ferre transitum ac migrationem puta, cum dei natura adsidua et citatissima commutatione uel delectet se uel conseruet.

VII.

1. A caelestibus agendum te ad humana conuerte: uidebis gentes populosque uniuersos mutasse sedem. Quid sibi uolunt in mediis barbarorum regionibus Graecae urbes? Quid inter Indos Persasque Macedonicus sermo? Scythia et totus ille ferarum indomitarumque gentium tractus ciuitates Achaiae Ponticis inpositas litoribus ostentat: non perpetuae hiemis saeuitia, non hominum ingenia ad similitudinem caeli sui horrentia transferentibus domos suas obstiterunt. 2. Atheniensis in Asia turba est; Miletus quinque et septuaginta urbium populum in diuersa effudit; totum Italiae latus quod infero mari adluitur maior Graecia fuit. Tuscos Asia sibi uindicat; Tyrii Africam incolunt, [in] Hispaniam Poeni; Graeci se in Galliam in miserunt, in Graeciam Galli; Pyrenaeus Germanorum transitus non inhiuit — per inuia, per incognita uersauit se humana leuitas. 3. Liberos coniugesque et graues senio parentes traxerunt. Alii longo errore iactati non iudicio elegerunt locum sed lassitudine proximum occupauerunt, alii armis sibi ius in aliena terra fecerunt; quasdam gentes, cum ignota peterent, mare hausit, quaedam ibi consederunt ubi illas rerum omnium inopia deposuit. 4. Nec omnibus eadem causa relinquendi quaerendique patriam fuit: alios excidia urbium suarum hostilibus armis elapsos in aliena spoliatos suis expulerunt; alios domestica seditio summouit; alios nimia superfluentis populi frequentia ad exonerandas uires emisit; alios pestilentia aut frequentes terrarum hiatus aut aliqua intoleranda infelicis soli uitia eiecerunt; quosdam fertilis orae et in maius laudatae fama corruptit. 5.

Alios alia causa exciuit domibus suis: illud utique manifestum est, nihil eodem loco mansisse quo genitum est. Adsiduus generis humani discursus est; cotidie aliquid in tam magno orbe mutatur: noua urbium fundamenta iaciuntur, noua gentium nomina extinctis prioribus aut in accessionem ualidioris conuersis oriuntur. Omnes autem istae populorum transportationes quid aliud quam publica exilia sunt?

6. Quid te tam longo circumitu traho? Quid interest enumerare Antenorem Pataui conditorem et Euandrum in ripa Tiberis regna Arcadum conlocantem? Quid Diomedem aliosque quos Troianum bellum uictos simul uictoresque per alienas terras dissipauit?

7. Romanum imperium nempe auctorem exulem respicit, quem profugum capta patria, exiguas reliquias trahentem, necessitas et uictoris metus longinqua quaerentem in Italiam detulit. Hic deinde populus quot colonias in omnem prouinciam misit! ubicumque uicit Romanus, habitat. Ad hanc commutationem locorum libentes nomina dabant, et relictis aris suis trans maria sequebatur colonos senex.

8. Res quidem non desiderat plurium enumerationem; unum tamen adiciam quod in oculos se ingerit: haec ipsa insula saepe iam cultores mutauit. Vt antiquiora, quae uetustas obduxit, transeam, Phocide relictis Graii qui nunc Massiliam incolunt prius in hac insula consederunt, ex qua quid eos fugauerit incertum est, utrum caeli grauitas an praepotentis Italiae conspectus an natura inportuosi maris; nam in causa non fuisse feritatem accolarum eo apparet quod maxime tunc trucibus et inconditis Galliae populis se interposuerunt.

9. Transierunt deinde Ligures in eam, transierunt et Hispani, quod ex similitudine ritus apparet; eadem enim tegmenta capitem idemque genus calciamenti quod Cantabris est, et uerba quaedam; nam totus sermo

conuersatione Graecorum Ligurumque a patrio
desciuit. Deductae deinde sunt duae ciuium
Romanorum coloniae, altera a Mario, altera a Sulla:
totiens huius aridi et spinosi saxi mutatus est
populus! 10. Vix denique inuenies ullam terram
quam etiamnunc indigenae colant; permixta omnia
et insiticia sunt. Alius alii successit: hic concupiuit
quod illi fastidio fuit; ille unde expulerat eiectus est.
Ita fato placuit, nullius rei eodem semper loco stare
fortunam.

VIII.

1. Aduersus ipsam commutationem locorum, detractis ceteris incommodis quae exilio adhaerent, satis hoc remedii putat Varro, doctissimus Romanorum, quod quocumque uenimus eadem rerum natura utendum est; M. Brutus satis hoc putat, quod licet in exilium euntibus uirtutes suas secum ferre. 2. Haec etiam si quis singula parum iudicat efficacia ad consolandum exulem, utraque in unum conlata fatebitur plurimum posse. Quantulum enim est quod perdimus! duo quae pulcherrima sunt quocumque nos mouerimus sequentur, natura communis et propria uirtus. 3. Id actum est, mihi crede, ab illo, quisquis formator uniuersi fuit, siue ille deus est potens omnium, siue incorporalis ratio ingentium operum artifex, siue diuinus spiritus per omnia maxima ac minima aequali intentione diffusus, siue fatum et inmutabilis causarum inter se cohaerentium series — id, inquam, actum est ut in alienum arbitrium nisi uilissima quaeque non caderent. 4. Quidquid optimum homini est, id extra humanam potentiam iacet, nec dari nec eripi potest. Mundus hic, quo nihil neque maius neque ornatus rerum natura genuit, <et> animus contemplator admiratorque mundi, pars eius magnificentissima, propria nobis et perpetua et tam diu nobiscum mansura sunt quam diu ipsi manebimus. 5. Alacres itaque et erecti quocumque res tulerit intrepido gradu properemus, emetiamur quascumque terras: nullum inueniri exilium intra mundum <potest; nihil enim quod intra mundum> est alienum homini est. Vndecumque ex aequo ad caelum erigitur acies, paribus interuallis omnia diuina ab omnibus humanis

distant. 6. Proinde, dum oculi mei ab illo spectaculo cuius insatiabiles sunt non abducantur, dum mihi solem lunamque intueri liceat, dum ceteris inhaerere sideribus, dum ortus eorum occasusque et interualla et causas inuestigare uel ocius meandi uel tardius, <dum> spectare tot per noctem stellas micantis et alias immobiles, alias non in magnum spatium exeuntis sed intra suum se circumagentis uestigium, quasdam subito erumpentis, quasdam igne fuso praestringentis aciem, quasi decidant, uel longo tractu cum luce multa praeteruolantis, dum cum his sim et caelestibus, qua homini fas est, inmiscer, dum animum ad cognatarum rerum conspectum tendentem in sublimi semper habeam, quantum refert mea quid calcem?

IX.

1. 'At non est haec terra frugiferarum aut laetarum arborum ferax; non magnis nec nauigabilibus fluminum alueis inrigatur; nihil gignit quod aliae gentes petant, uix ad tutelam incolentium fertilis; non pretiosus hic lapis caeditur, non auri argentique uenae eruuntur.' 2. Angustus animus est quem terrena delectant: ad illa abducendus est quae ubique aeque apparent, ubique aeque splendent. Et hoc cogitandum est, ista ueris bonis per falsa et praue credita obstare. Quo longiores porticus expedierint, quo altius turres sustulerint, quo latius uicos porrexerint, quo depressius aestiuos specus foderint, quo maiori mole fastigia cenationum subduxerint, hoc plus erit quod illis caelum abscondat. 3. In eam te regionem casus eiecit in qua lautissimum receptaculum casa est: ne [et] tu pusilli animi es et sordide se consolantis, si ideo id fortiter pateris quia Romuli casam nosti. Dic illud potius: 'istud humile tugurium nempe uirtutes recipit? iam omnibus templis formosius erit, cum illic iustitia conspecta fuerit, cum continentia, cum prudentia, pietas, omnium officiorum recte dispensandorum ratio, humanorum diuinorumque scientia. Nullus angustus est locus qui hanc tam magnarum uirtutum turbam capit; nullum exilium graue est in quod licet cum hoc ire comitatu.' 4. Brutus in eo libro quem de uirtute composuit ait se Marcellum uidisse Mytilenis exulantem et, quantum modo natura hominis pateretur, beatissime uiuentem neque umquam cupidiorum bonarum artium quam illo tempore. Itaque adicit uisum sibi se magis in exilium ire, qui sine illo rediturus esset, quam illum in exilio

relinqui. 5. O fortunatiorem Marcellum eo tempore quo exilium suum Bruto adprobauit quam quo rei publicae consulatum! Quantus ille uir fuit qui effecit ut aliquis exul sibi uideretur quod ab exule recederet! Quantus uir fuit qui in admirationem sui adduxit hominem etiam Catoni suo mirandum! 6. Idem Brutus ait C. Caesarem Mytilenas praeteruectum, quia non sustineret uidere deformatum uirum. Illi quidem reditum inpetrauit senatus publicis precibus, tam sollicitus ac maestus ut omnes illo die Bruti habere animum uiderentur et non pro Marcello sed pro se deprecari, ne exules essent si sine illo fuissent; sed plus multo consecutus est quo die illum exulem Brutus relinquere non potuit, Caesar uidere. Contigit enim illi testimonium utriusque: Brutus sine Marcello reuerti se doluit, Caesar erubuit. 7. Num dubitas quin se ille [Marcellus] tantus uir sic ad tolerandum aequo animo exilium saepe adhortatus sit: 'quod patria cares, non est miserum: ita te disciplinis inbuisti ut scires omnem locum sapienti uiro patriam esse. Quid porro? hic qui te expulit, non ipse per annos decem continuos patria caruit? propagandi sine dubio imperii causa; sed nempe caruit. 8. Nunc ecce trahit illum ad se Africa resurgentis belli minis plena, trahit Hispania, quae fractas et adflictas partes refouet, trahit Aegyptus infida, totus denique orbis, qui ad occasionem concussi imperii intentus est: cui primum rei occurret? cui parti se opponet? Aget illum per omnes terras uictoria sua. Illum suspiciant et colant gentes: tu uiue Bruto miratore contentus.'

X.

1. Bene ergo exilium tulit Marcellus nec quicquam in animo eius mutauit loci mutatio, quamuis eam paupertas sequeretur; in qua nihil mali esse, quisquis modo nondum peruenit in insaniam omnia subuertentis auaritiae atque luxuriae intellegit. Quantulum enim est quod in tutelam hominis necessarium est! et cui deesse hoc potest ullam modo uirtutem habenti? 2. Quod ad me quidem pertinet, intellego me non opes sed occupationes perdidisse. Corporis exigua desideria sunt: frigus summoueri uult, alimentis famem ac sitim extinguere; quidquid extra concupiscitur, uitiis, non usibus laboratur. Non est necesse omne perscrutari profundum nec strage animalium uentrem onerare nec conchylia ultimi maris ex ignoto litore eruere: di istos deaeque perdant quorum luxuria tam inuidiosi imperii fines transcendit! 3. Ultra Phasin capi uolunt quod ambitiosam popinam instruat, nec piget a Parthis, a quibus nondum poenas repetimus, aues petere. Vndique conuehunt omnia nota fastidienti gulae; quod dissolutus deliciis stomachus uix admittat ab ultimo portatur oceano; uomunt ut edant, edunt ut uomant, et epulas quas toto orbe conquirunt nec concoquere dignantur. Ista si quis despicit, quid illi paupertas nocet? Si quis concupiscit, illi paupertas etiam prodest; inuitus enim sanatur et, si remedia ne coactus quidem recipit, interim certe, dum non potest, illa nolenti similis est. 4. C. Caesar [Augustus], quem mihi uidetur rerum natura edidisse ut ostenderet quid summa uitia in summa fortuna possent, centiens sestertio cenauit uno die; et in hoc omnium adiutus

ingenio uix tamen inuenit quomodo trium prouinciarum tributum una cena fieret. 5. O miserabiles, quorum palatum nisi ad pretiosos cibos non excitatur! Pretiosos autem non eximius sapor aut aliqua faucium dulcedo sed raritas et difficultas parandi facit. Alioqui, si ad sanam illis mentem placeat reuerti, quid opus est tot artibus uentri seruientibus? quid mercaturis? quid uastatione siluarum? quid profundi perscrutatione? Passim iacent alimenta quae rerum natura omnibus locis disposuit; sed haec uelut caeci transeunt et omnes regiones peruagantur, maria traiciunt et, cum famem exiguo possint sedare, magno iniritant. 6. Libet dicere: 'quid deducitis naues? Quid manus et aduersus feras et aduersus homines armatis? Quid tanto tumultu discurritis? Quid opes opibus adgeritis? Non uultis cogitare quam parua uobis corpora sint? Nonne furor et ultimus mentium error est, cum tam exiguum capias, cupere multum? Licet itaque augeatis census, promoueatis fines, numquam tamen corpora uestra laxabitis. Cum bene cesserit negotiatio, multum militia rettulerit, cum indagati undique cibi coierint, non habebitis ubi istos apparatus uestros conlocetis. 7. Quid tam multa conquiritis? Scilicet maiores nostri, quorum uirtus etiamnunc uitia nostra sustentat, infelices erant, qui sibi manu sua parabant cibum, quibus terra cubile erat, quorum tecta nondum auro fulgebant, quorum templa nondum gemmis nitebant; itaque tunc per fictiles deos religiose iurabatur: qui illos inuocauerant, ad hostem morituri, ne fallerent, redibant. 8. Scilicet minus beate uiuebat dictator noster qui Samnitium legatos audit cum uilissimum cibum in foco ipse manu sua uersaret — illa qua iam saepe hostem percusserat laureamque in Capitolini louis gremio reposuerat — quam Apicius nostra

memoria uixit, qui in ea urbe ex qua aliquando philosophi uelut corruptores iuuentutis abire iussi sunt scientiam popinae professus disciplina sua saeculum infecit.' Cuius exitum nosse operae pretium est. 9. Cum sestertium milliens in culinam coniecisset, cum tot congiaria principum et ingens Capitolii uestigal singulis comisationibus exsorsisset, aere alieno oppressus rationes suas tunc primum coactus inspexit: superfuturum sibi sestertium centiens computauit et uelut in ultima fame uicturus si in sestertio centiens uixisset, ueneno uitam finiuit. 10. Quanta luxuria erat cui centiens sestertium egestas fuit! i nunc et puta pecuniae modum ad rem pertinere, non animi. Sestertium centiens aliquis extimuit et quod alii uoto petunt ueneno fugit. Illi uero tam prauae mentis homini ultima potio saluberrima fuit: tunc uenena edebat bibebatque cum inmensis epulis non delectaretur tantum sed gloriaretur, cum uitia sua ostentaret, cum ciuitatem in luxuriam suam conuerteret, cum iuuentutem ad imitationem sui sollicitaret etiam sine malis exemplis per se docilem. 11. Haec accidunt diuitias non ad rationem reuocantibus, cuius certi fines sunt, sed ad uitiosam consuetudinem, cuius inmensum et incomprehensibile arbitrium est. Cupiditati nihil satis est, naturae satis est etiam parum. Nullum ergo paupertas exulis incommodum habet; nullum enim tam inops exilium est quod non alendo homini abunde fertile sit.

XI.

1. 'At uestem ac domum desideraturus est exsul.' Haec quoque ad usum tantum desiderabit: neque tectum ei deerit neque uelamentum; aequae enim exiguo tegitur corpus quam alitur; nihil homini natura quod necessarium faciebat fecit operosum. 2. Sed desiderat saturatam multo conchylio purpuram, intextam auro uariisque et coloribus distinctam et artibus: non fortunae iste uitio sed suo pauper est. Etiam si illi quidquid amisit restitueris, nihil ages; plus enim restituto deerit ex eo quod cupit quam exsuli ex eo quod habuit. 3. Sed desiderat aureis fulgentem uasis supellectilem et antiquis nominibus artificum argentum nobile, aes paucorum insania pretiosum et seruorum turbam quae quamuis magnam domum angustet, iumentorum corpora differta et coacta pinguescere et nationum omnium lapides: ista congerantur licet, numquam explebunt inexplebilem animum, non magis quam ullus sufficietumor ad satiandum eum cuius desiderium non ex inopia sed ex aestu ardentium uiscerum oritur; non enim sitis illa sed morbus est. 4. Nec hoc in pecunia tantum aut alimentis euenit; eadem natura est in omni desiderio quod modo non ex inopia sed ex uitio nascitur: quidquid illi congesseris, non finis erit cupiditatis sed gradus. Qui continebit itaque se intra naturalem modum, paupertatem non sentiet; qui naturalem modum excedet, eum in summis quoque opibus paupertas sequetur. Necessariis rebus et exilia sufficiunt, superuacuis nec regna. 5. Animus est qui diuites facit; hic in exilia sequitur, et in solitudinibus asperrimis, cum quantum satis est sustinendo corpori inuenit, ipse bonis suis abundat

et fruitur: pecunia ad animum nihil pertinet, non magis quam ad deos immortalis. 6. Omnia ista quae imperita ingenia et nimis corporibus suis addicta suspiciunt, lapides aurum argentum et magni leuatique mensarum orbes, terrena sunt pondera, quae non potest amare sincerus animus ac naturae suae memor, levis ipse, expeditus, et quandoque emissus fuerit ad summa emicaturus; interim, quantum per moras membrorum et hanc circumfusam grauem sarcinam licet, celeri et uolucris cogitatione diuina perlustrat. 7. Ideoque nec exulare umquam potest, liber et deis cognatus et omni mundo omnique aeuo par; nam cogitatio eius circa omne caelum it, in omne praeteritum futurumque tempus inmittitur. Corpusculum hoc, custodia et uinculum animi, huc atque illuc iactatur; in hoc supplicia, in hoc latrocinia, in hoc morbi exercentur: animus quidem ipse sacer et aeternus est et cui non possit iniri manus.

XII.

1. Ne me putes ad eleuanda incommoda paupertatis, quam nemo grauem sentit nisi qui putat, uti tantum praeceptis sapientium, primum aspice quanto maior pars sit pauperum, quos nihilo notabis tristiores sollicitioresque diuitibus: immo nescio an eo laetiores sint quo animus illorum in pauciora distringitur. 2. Transeamus [a pauperibus, ueniamus] ad locupletes: quam multa tempora sunt quibus pauperibus similes sint! Circumcisae sunt peregrinantium sarcinae, et quotiens festinationem necessitas itineris exegit, comitum turba dimittitur. Militantes quotam partem rerum suarum secum habent, cum omnem apparatus castrensis disciplina summoueat! 3. Nec tantum condicio illos temporum aut locorum inopia pauperibus exaequat: sumunt quosdam dies, cum iam illos diuitiarum taedium cepit, quibus humi cenent et remoto auro argentoque fictilibus utantur. Dementes! hoc quod aliquando concupiscunt semper timent. O quanta illos caligo mentium, quanta ignorantia ueritatis * * * exercet, quam uoluptatis causa imitantur! 4. Me quidem, quotiens ad antiqua exempla respexi, paupertatis uti solaciis pudet, quoniam quidem eo temporum luxuria prolapsa est ut maius uiaticum exulum sit quam olim patrimonium principum fuit. Vnum fuisse Homero seruum, tres Platoni, nullum Zenoni, a quo coepit Stoicorum rigida ac uirilis sapientia, satis constat: num ergo quisquam eos misere uixisse dicet ut non ipse miserrimus ob hoc omnibus uideatur? 5. Menenius Agrippa, qui inter patres ac plebem publicae gratiae sequester fuit, aere conlato funeratus est. Atilius Regulus, cum

Poenos in Africa funderet, ad senatum scripsit mercennarium suum discessisse et ab eo desertum esse rus, quod senatui publice curari dum abesset Regulus placuit: fuitne tanti seruum non habere ut colonus eius populus Romanus esset? 6. Scipionis filiae ex aerario dotem acceperunt, quia nihil illis reliquerat pater: aequum mehercules erat populum Romanum tributum Scipioni semel conferre, cum a Carthagine semper exigeret. O felices uiros puellarum quibus populus Romanus loco soceri fuit! Beatioresne istos putas quorum pantomimae deciens sestertio nubunt quam Scipionem, cuius liberi a senatu, tutore suo, in dotem aes graue acceperunt? 7. Dedignatur aliquis paupertatem, cuius tam clarae imagines sunt? Indignatur exul aliquid sibi deesse, cum defuerit Scipioni dos, Regulo mercennarius, Menenio funus, cum omnibus illis quod deerat ideo honestius suppletum sit quia defuerat? His ergo aduocatis non tantum tuta est sed etiam gratiosa paupertas.

XIII.

1. Responderi potest: 'quid artificiose ista diducis quae singula sustineri possunt, conlata non possunt? Commutatio loci tolerabilis est, si tantum locum mutes; paupertas tolerabilis est, si ignominia abest, quae uel sola opprimere animos solet.' 2. Aduersus hunc, quisquis me malorum turba terrebit, his uerbis utendum erit: 'si contra unam quamlibet partem fortunae satis tibi roboris est, idem aduersus omnis erit. Cum semel animum uirtus indurauit, undique inuulnerabilem praestat. Si auaritia dimisit, uehementissima generis humani pestis, moram tibi ambitio non faciet; si ultimum diem non quasi poenam sed quasi naturae legem aspicias, ex quo pectore metum mortis eieceris, in id nullius rei timor audebit intrare; 3. si cogitas libidinem non uoluptatis causa homini datam sed propagandi generis, quem non uiolauerit hoc secretum et infixum uisceribus ipsis exitium, omnis alia cupiditas intactum praeteribit. Non singula uitia ratio sed pariter omnia prosternit: in uniuersum semel uincitur.' 4. Ignominia tu putas quemquam sapientem moueri posse, qui omnia in se reposuit, qui ab opinionibus uulgi secessit? Plus etiam quam ignominia est mors ignominiosa: Socrates tamen eodem illo uultu quo triginta tyrannos solus aliquando in ordinem redegerat carcerem intrauit, ignominiam ipsi loco detracturus; neque enim poterat carcer uideri in quo Socrates erat. 5. Quis usque eo ad conspiciendam ueritatem excaecatus est ut ignominiam putet Marci Catonis fuisse duplicem in petitione praeturae et consulatus repulsam? ignominia illa praeturae et consulatus fuit, quibus ex Catone honor habebatur.

6. Nemo ab alio contemnitur, nisi a se ante contemptus est. Humilis et proiectus animus est isti contumeliae opportunus; qui uero aduersus saeuissimos casus se extollit et ea mala quibus alii opprimuntur euertit, ipsas miserias infularum loco habet, quando ita adfecti sumus ut nihil aequae magnae apud nos admirationem occupet quam homo fortiter miser. 7. Ducebatur Athenis ad supplicium Aristides, cui quisquis occurrerat deiciebat oculos et ingemescebat, non tamquam in hominem iustum sed tamquam in ipsam iustitiam animaduerneretur; inuentus est tamen qui in faciem eius inspiceret. Poterat ob hoc moleste ferre quod sciebat neminem id ausurum puri oris; at ille abstergit faciem et subridens ait comitanti se magistratui: 'admone istum ne postea tam inprobe oscitet.' Hoc fuit contumeliam ipsi contumeliae facere. 8. Scio quosdam dicere contemptu nihil esse grauius, mortem ipsis potius uideri. His ego respondebo et exilium saepe contemptione omni carere: si magnus uir cecidit, magnus iacuit, non magis illum contemni quam aedium sacrarum ruinae calcantur, quas religiosi aequae ac stantis adorant.

XIV.

1. Quoniam meo nomine nihil habes, mater carissima, quod te in infinitas lacrimas agat, sequitur ut causae tuae te stimulent. Sunt autem duae; nam aut illud te mouet quod praesidium aliquod uideris amisisse, aut illud quod desiderium ipsum per se pati non potes. 2. Prior pars mihi leuiter perstringenda est; noui enim animum tuum nihil in suis praeter ipsos amantem. Viderint illae matres quae potentiam liberorum muliebri inpotentia exercent, quae, quia feminis honores non licet gerere, per illos ambitiosae sunt, quae patrimonia filiorum et exhauriunt et captant, quae eloquentiam commodando aliis fatigant: 3. tu liberorum tuorum bonis plurimum gauisa es, minimum usa; tu liberalitati nostrae semper inposuisti modum, cum tuae non inponeres; tu filia familiae locupletibus filiis ultro contulisti; tu patrimonia nostra sic administrasti ut tamquam in tuis laborares, tamquam alienis abstineres; tu gratiae nostrae, tamquam alienis rebus utereris, pepercisti, et ex honoribus nostris nihil ad te nisi uoluptas et inpena pertinuit. Numquam indulgentia ad utilitatem respexit; non potes itaque ea in erepto filio desiderare quae in incolumi numquam ad te pertinere duxisti.

XV.

1. Illo omnis consolatio mihi uertenda est unde uera uis materni doloris oritur: 'ergo complexu fili carissimi careo; non conspectu eius, non sermone possum frui. Vbi est ille quo uiso tristem uultum relaxaui, in quo omnes sollicitudines meas deposui? Vbi conloquia, quorum inexplibilis eram? Vbi studia, quibus libentius quam femina, familiarius quam mater intereram? Vbi ille occursus? Vbi matre uisa semper puerilis hilaritas?' 2. Adicis istis loca ipsa gratulationum et conuictuum et, ut necesse est, efficacissimas ad uexandos animos recentis conuersationis notas. Nam hoc quoque aduersus te crudeliter fortuna molita est, quod te ante tertium demum diem quam perculsus sum securam nec quicquam tale metuentem digredi uoluit. 3. Bene nos longinquitas locorum diuiserat, bene aliquot annorum absentia huic te malo praeparauerat: redisti, non ut uoluptatem ex filio perciperes, sed ut consuetudinem desiderii perderes. Si multo ante afuisses, fortius tulisses, ipso interuallo desiderium molliente; si non recessisses, ultimum certe fructum biduo diutius uidendi filium tulisses: nunc crudele fatum ita composuit ut nec fortunae meae interesset nec absentiae adsuesceres. 4. Sed quanto ista duriora sunt, tanto maior tibi uirtus aduocanda est, et uelut cum hoste noto ac saepe iam uicto acrius congregiendum. Non ex intacto corpore tuo sanguis hic fluxit: per ipsas cicatrices percussa es.

XVI.

1. Non est quod utaris excusatione muliebris nominis, cui paene concessum est inmoderatum in lacrimis ius, non inmensum tamen; et ideo maiores decem mensum spatium lugentibus uiros dederunt ut cum pertinacia muliebris maeroris publica constitutione deciderent. Non prohibuerunt luctus sed finierunt; nam et infinito dolore, cum aliquem ex carissimis amiseris, adfici stulta indulgentia est, et nullo inhumana duritia: optimum inter pietatem et rationem temperamentum est et sentire desiderium et opprimere. 2. Non est quod ad quasdam feminas respicias quarum tristitiam semel sumptam mors finiuit (nosti quasdam quae amissis filiis inposita lugubria numquam exuerunt): a te plus exigit uita ab initio fortior; non potest muliebris excusatio contingere ei a qua omnia muliebria uitia afuerunt. 3. Non te maximum saeculi malum, inpudicitia, in numerum plurium adduxit; non gemmae te, non margaritae flexerunt; non tibi diuitiae uelut maximum generis humani bonum refulserunt; non te, bene in antiqua et seuera institutam domo, periculosa etiam probis peiorum detorsit imitatio; numquam te fecunditatis tuae, quasi exprobraret aetatem, puduit, numquam more aliarum, quibus omnis commendatio ex forma petitur, tumescentem uterum abscondisti quasi indecens onus, nec intra uiscera tua conceptas spes liberorum elisisti; 4. non faciem coloribus ac lenociniis polluisti; numquam tibi placuit uestis quae nihil amplius nudaret cum poneretur: unicum tibi ornamentum, pulcherrima et nulli obnoxia aetati forma, maximum decus uisa est pudicitia. 5. Non potes itaque ad optinendum

dolorem muliebre nomen praetendere, ex quo te uirtutes tuae seduxerunt; tantum debes a feminarum lacrimis abesse quantum <a> uitiiis. Ne feminae quidem te sinent intabescere uulneri tuo, sed ~leuior~ necessario maerore cito defunctam iubebunt exsurgere, si modo illas intueri uoles feminas quas conspecta uirtus inter magnos uiros posuit. 6. Corneliam ex duodecim liberis ad duos fortuna redegerat: si numerare funera Corneliae uelles, amiserat decem, si aestimare, amiserat Gracchos. Flentibus tamen circa se et fatum eius execrantibus interdixit ne fortunam accusarent, quae sibi filios Gracchos dedisset. Ex hac femina debuit nasci qui diceret in contione, 'tu matri meae male dicas quae me peperit?' Multo mihi uox matris uidetur animosior: filius magno aestimauit Gracchorum natales, mater et funera. 7. Rutilia Cottam filium secuta est in exilium et usque eo fuit indulgentia constricta ut mallet exilium pati quam desiderium, nec ante in patriam quam cum filio rediit. Eundem iam reducem et in re publica florentem tam fortiter amisit quam secuta est, nec quisquam lacrimas eius post elatum filium notauit. In expulso uirtutem ostendit, in amisso prudentiam; nam et nihil illam a pietate deterruit et nihil in tristitia superuacua stultaque detinuit. Cum his te numerari feminis uolo; quarum uitam semper imitata es, earum in coercenda comprimendaque aegritudine optime sequeris exemplum.

XVII.

1. Scio rem non esse in nostra potestate nec ullum adfectum seruire, minime uero eum qui ex dolore nascitur; ferox enim et aduersus omne remedium contumax est. Volumus interim illum obruere et deuorare gemitus; per ipsum tamen compositum fictumque uultum lacrimae profunduntur. Ludis interim aut gladiatoribus animum occupamus; at illum inter ipsa quibus auocatur spectacula leuis aliqua desiderii nota subruit. 2. Ideo melius est uincere illum quam fallere; nam qui delusus et uoluptatibus aut occupationibus abductus est resurgit et ipsa quiete impetum ad saeuiendum colligit: at quisquis rationi cessit, in perpetuum componitur. Non sum itaque tibi illa monstraturus quibus usos esse multos scio, ut peregrinatione te uel longa detineas uel amoena delectes, ut rationum accipiendarum diligentia, patrimonii administratione multum occupes temporis, ut semper nouo te aliquo negotio inplices: omnia ista ad exiguum momentum prosunt nec remedia doloris sed impedimenta sunt; ego autem malo illum desinere quam decipi. 3. Itaque illo te duco quo omnibus qui fortunam fugiunt confugiendum est, ad liberalia studia: illa sanabunt uulnus tuum, illa omnem tristitiam tibi euellent. His etiam si numquam adsuesses, nunc utendum erat; sed quantum tibi patris mei antiquus rigor permisit, omnes bonas artes non quidem comprehendisti, attigisti tamen. 4. Vtinam quidem uirorum optimus, pater meus, minus maiorum consuetudini deditus uoluisset te praeceptis sapientiae erudiri potius quam inbui! non parandum tibi nunc esset auxilium contra fortunam sed proferendum. Propter istas quae

litteris non ad sapientiam utuntur sed ad luxuriam
instruuntur minus te indulgere studiis passus est.
Beneficio tamen rapacis ingenii plus quam pro
tempore hausisti; iacta sunt disciplinarum omnium
fundamenta: nunc ad illas reuertere; tutam te
praestabunt. 5. Illae consolabuntur, illae
delectabunt, illae si bona fide in animum tuum
intrauerint, numquam amplius intrabit dolor,
numquam sollicitudo, numquam adflictationis inritae
superuacua uexatio. Nulli horum patebit pectus
tuum; nam ceteris uitiis iam pridem clusum est.
Haec quidem certissima praesidia sunt et quae sola
te fortunae eripere possint.

XVIII.

1. Sed quia, dum in illum portum quem tibi studia promittunt peruenis, adminiculis quibus innitaris opus est, uolo interim solacia tibi tua ostendere. 2. Respice fratres meos, quibus saluis fas tibi non est accusare fortunam. In utroque habes quod te diuersa uirtute delectet: alter honores industria consecutus est, alter sapienter contempsit. Adquiesce alterius fili dignitate, alterius quiete, utriusque pietate. Noui fratrum meorum intimos adfectus: alter in hoc dignitatem excolit ut tibi ornamento sit, alter in hoc se ad tranquillam quietamque uitam recepit ut tibi uacet. 3. Bene liberos tuos et in auxilium et in oblectamentum fortuna disposuit: potes alterius dignitate defendi, alterius otio frui. Certabunt in te officiis et unius desiderium duorum pietate supplebitur. Audacter possum promittere: nihil tibi deerit praeter numerum. 4. Ab his ad nepotes quoque respice: Marcum blandissimum puerum, ad cuius conspectum nulla potest durare tristitia; nihil tam magnum, nihil tam recens in cuiusquam pectore fuit quod non circumfusus ille permulceat. 5. Cuius non lacrimas illius hilaritas supprimat? Cuius non contractum sollicitudine animum illius argutiae soluant? Quem non in iocos euocabit illa lasciuia? Quem non in se conuertet et abducet infixum cogitationibus illa neminem satiatura garrulitas? Deos oro, contingat hunc habere nobis superstitem! 6. In me omnis factorum crudelitas lassata consistat; quidquid matri dolendum fuit, in me transierit, quidquid auiae, in me. Floreat reliqua in suo statu turba: nihil de orbitate, nihil de condicione mea querar, fuerim tantum nihil amplius doliturae domus

piamentum. 7. Tene in gremio cito tibi daturam pronepotes Nouatillam, quam sic in me transtuleram, sic mihi adscripseram, ut possit uideri, quod me amisit, quamuis saluo patre pupilla; hanc et pro me dilige. Abstulit illi nuper fortuna matrem: tua potest efficere pietas ut perdidisse se matrem doleat tantum, non et sentiat. 8. Nunc mores eius compone, nunc forma: altius praecepta descendunt quae teneris inprimuntur aetatibus. Tuis adsuescat sermonibus, ad tuum fingatur arbitrium: multum illi dabis, etiam si nihil dederis praeter exemplum. Hoc tibi tam sollemne officium pro remedio erit; non potest enim animum pie dolentem a sollicitudine auertere nisi aut ratio aut honesta occupatio. 9. Numerarem inter magna solacia patrem quoque tuum, nisi abesset. Nunc tamen ex adfectu tuo qui illius in te sit cogita: intelleges quanto iustius sit te illi seruari quam mihi inpendi. Quotiens te inmodica uis doloris inuaserit et sequi se iubebit, patrem cogita. Cui tu quidem tot nepotes pronepotesque dando effecisti ne unica esses; consummatio tamen aetatis actae feliciter in te uertitur. Illo uiuo nefas est te quod uixeris queri.

XIX.

1. Maximum adhuc solacium tuum tacueram, sororem tuam, illud fidelissimum tibi pectus, in quod omnes curae tuae pro indiuiso transferuntur, illum animum omnibus nobis maternum. Cum hac tu lacrimas tuas miscuisti, in huius primum respirasti sinu. 2. Illa quidem adfectus tuos semper sequitur; in mea tamen persona non tantum pro te dolet. Illius manibus in urbem perlatus sum, illius pio maternoque nutricio per longum tempus aeger conualui; illa pro quaestura mea gratiam suam extendit et, quae ne sermonis quidem aut clarae salutationis sustinuit audaciam, pro me uicit indulgentia uerecundiam. Nihil illi seductum uitae genus, nihil modestia in tanta feminarum petulantia rustica, nihil quies, nihil secreti et ad otium repositi mores obstiterunt quominus pro me etiam ambitiosa fieret. 3. Hoc est, mater carissima, solacium quo reficiaris: illi te quantum potes iunge, illius artissimis amplexibus alliga. Solent maerentes ea quae maxime diligunt fugere et libertatem dolori suo quaerere: tu ad illam te, quidquid cogitaueris, confer; siue seruare istum habitum uoles siue deponere, apud illam inuenies uel finem doloris tui uel comitem. 4. Sed si prudentiam perfectissimae feminae noui, non patietur te nihil profuturo maerore consumi et exemplum tibi suum, cuius ego etiam spectator fui, narrabit.

Carissimum uirum amiserat, auunculum nostrum, cui uirgo nupserat, in ipsa quidem nauigatione; tulit tamen eodem tempore et luctum et metum euictisque tempestatibus corpus eius naufraga euexit. 5. O quam multarum egregia opera in

obscuri iacent! Si huic illa simplex admirandis uirtutibus contigisset antiquitas, quanto ingeniorum certamine celebraretur uxor quae oblita inbecillitatis, oblita metuendi etiam firmissimis maris, caput suum periculis pro sepultura obiecit et, dum cogitat de uiri funere, nihil de suo timuit! Nobilitatur carminibus omnium quae se pro coniuge uicariam dedit: hoc amplius est, discrimine uitae sepulcrum uiro quaerere; maior est amor qui pari periculo minus redimit. 6. Post hoc nemo miretur quod per sedecim annos quibus Aegyptum maritus eius optinuit numquam in publico conspecta est, neminem prouincialem domum suam admisit, nihil a uiro petit, nihil a se peti passa est. Itaque loquax et in contumelias praefectorum ingeniosa prouincia, in qua etiam qui uitauerunt culpam non effugerunt infamiam, uelut unicum sanctitatis exemplum suspexit et, quod illi difficillimum est cui etiam periculosi sales placent, omnem uerborum licentiam continuit et hodie similem illi, quamuis numquam speret, semper optat. Multum erat, si per sedecim annos illam prouincia probasset: plus est quod ignorauit. 7. Haec non ideo refero ut laudes eius exequar, quas circumscribere est tam parce transcurrere, sed ut intellegas magni animi esse feminam quam non ambitio, non auaritia, comites omnis potentiae et pestes, uicerunt, non metus mortis iam exarmata naue naufragium suum spectantem deterruit quominus exanimi uiro haerens non quaereret quemadmodum inde exiret sed quemadmodum efferret. Huic parem uirtutem exhibeas oportet et animum a luctu recipias et id agas ne quis te putet partus tui paenitere.

XX.

1. Ceterum quia necesse est, cum omnia feceris, cogitationes tamen tuas subinde ad me recurrere nec quemquam nunc ex liberis tuis frequentius tibi obuersari, non quia illi minus cari sunt sed quia naturale est manum saepius ad id referre quod dolet, qualem me cogites accipe: laetum et alacrem uelut optimis rebus. Sunt enim optimae, quoniam animus omnis occupationis expers operibus suis uacat et modo se leuioribus studiis oblectat, modo ad considerandam suam uniuersique naturam ueri auidus insurgit. 2. Terras primum situmque earum quaerit, deinde condicionem circumfusi maris cursusque eius alternos et recursus; tunc quidquid inter caelum terrasque plenum formidinis interiacet perspicit et hoc tonitribus fulminibus uentorum flatibus ac nimborum niuisque et grandinis iactu tumultuosum spatium; tum peragratis humilioribus ad summa perrumpit et pulcherrimo diuinorum spectaculo fruitur, aeternitatis suae memor in omne quod fuit futurumque est uadit omnibus saeculis.

NOTAS:

1 Ilhas do mar Egeu. Cossura é a moderna ilha de Pantelleria, entre a Sicília e a Tunísia.

2 Enéias, que teve como descendentes Rômulo e Remo

3 Marco Terêncio Varrão (em latim Marcus Terentius Varro, 116 a.C. — 27 a.C.), é o famoso historiador e filólogo.

4 Marco Júnio Bruto (em latim: Marcus Junius Brutus;), foi um líder político de orientação conservadora republicana romana, e militar

romano, tendo sido um dos assassinos de Júlio César.

5 Marco Cláudio Marcelo (m. 46 a.C.; em latim: Marcus Claudius Marcellus) Partidário de Pompeu na luta civil, ficou em voluntário exílio quando Júlio César subiu ao poder. Cícero, para agradecer a César que perdoara a Marcelo, pronunciou uma notável oração (Pro Marcello).

6 Rio da Ásia Menor.

7 Pártia é o nome dado a uma região do nordeste do atual Irã.

8 Ditador era o título de um magistrado da Roma Antiga apontado pelo senado romano para governar o estado em tempo de emergências. Os ditadores romanos eram geralmente apontados por um cônsul e eram investidos de avassaladora autoridade sobre os cidadãos, mas eram originalmente limitados por um mandato de seis meses e não possuíam poderes sobre as finanças públicas.

9 Agripa Menênio Lanato (em latim: Agrippa Menenius Lanatus; 493 a.C.), chamado também de Menênio Agripa, foi um cônsul dos primeiros anos da República Romana em 503 a.C.,

10 Marco Atílio Régulo (299 a.C. – 246 a.C.; em latim: Marcus Atilius Regulus) foi um político eleito cônsul por duas vezes, em 267 e 256 a.C.

11 Cornélia Africana (em latim Cornelia Scipionis Africana; ca. 190 a.C. — 100 a.C.) era filha de Cipião Africano, foi mãe dos irmãos Gracos, conhecida pela sua virtude e força de caráter.

12 Provavelmente **Marco Aneu Lucano** (em latim: Marcus Annaeus Lucanus), também conhecido em português como Lucano, foi um poeta romano, nascido na província da Bética. Apesar de sua vida curta, é tido como uma das figuras de maior destaque do período dito clássico do latim. Assim como seu tio Sêneca, também foi envolvido na conspiração contra a vida do imperador Nero, e obrigado a se suicidar.

13 provavelmente irmã da mãe somente pelo lado materno.

14 Questor (do latim *quaestor*, procurador) era o primeiro passo na hierarquia romana. O cargo, que implicava funções administrativas, era geralmente ocupado por membros da classe senatorial com menos de 32 anos. O mandato como questor dava acesso direto ao colégio do senado romano.

15 Alusão a Alceste, que sacrificou sua vida para salvar a do marido Admeto; mas Hércules, agradecido pela hospitalidade que este lhe dera, tirou-a dos Infernos, restituindo-a ao esposo. Eurípides tratou desse assunto na célebre tragédia *Alceste*

Bonus

Espero que tenha gostado desta carta. Conheça também as cartas de Sêneca a Lucílio.

Nas páginas seguinte estão as primeira carta do Volume I e Volume II aproveite.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.

Obras filosóficas de Sêneca:

- [Cartas de um Estoico, Vol I](#) (*Epistulae morales ad Lucilium*)
- [Cartas de um Estoico, Vol II](#)
- [Cartas de um Estoico, Vol III](#)
- [Sobre a Ira](#) (*De Ira*)
- [Consolação a Márcia](#) (*Ad Marciam, De consolatione*)
- [Consolação a Minha Mãe Hélvia](#) (*Ad Helviam matrem, De consolatione*)
- [Consolação a Políbio](#) (*De Consolatione ad Polybium*)
- [Sobre a Brevidade da vida](#) (*De Brevitate Vitae*)
- [Da Clemência](#) (*De Clementia*)
- [Sobre Constância do sábio](#) (*De Constantia Sapientis*)
- [A Vida Feliz](#) (*De Vita Beata*)
- [Sobre os Benefícios](#) (*De Beneficiis*)
- [Sobre a Tranquilidade da alma](#) (*De*

Tranquillitate Animi)

- [Sobre o Ócio](#) (*De Otio*)
- [Sobre a Providência Divina](#) (*De Providentia*)
- Sobre a Superstição (*De Superstitione*)
perdida, citada por Santo Agostinho.

Obras [Filosóficas](#)

- [Meditações de Marco Aurélio](#)
- [A Arte de ter Razão](#) por *Arthur Schopenhauer*
- [Estoicismo, Guia Definitivo](#) por *St. George Stock*
- [Ciropédia](#) por *Xenofonte*
- [Utopia](#) por *Thomas More*
- [Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres](#) por *Diógenes Laércio*
- [Andar a Pé](#) por *Henry David Thoreau*
- [Carta a Meneceu sobre a felicidade](#) por *Epicuro*
- [Epicuro, Cartas e Princípios](#) por *Epicuro*
- [O Dever do Advogado](#) por *Ruy Barbosa*
- [Os Sermões](#) por *Padre António Vieira*



Montecristo
Editora

I. Sobre aproveitar o tempo

Saudações de Sêneca a Lucílio.

1. Continue a agir assim, meu querido Lucílio – liberte-se por conta própria; poupe e salve o seu tempo, que até recentemente tem sido retirado a força de você, ou furtado, ou simplesmente escapado de suas mãos. Faça-se acreditar na verdade de minhas palavras, – que certos momentos são arrancados de nós, que alguns são removidos suavemente, e que outros fogem além de nosso alcance. O tipo mais desgraçado de perda, no entanto, é aquela, devida ao descuido. Ademais, se você prestar atenção ao problema, você verá que a maior parte de nossa vida passa enquanto estamos fazendo coisas desagradáveis, uma boa parte enquanto não estamos fazendo nada, e tudo isso enquanto estamos fazendo o que não se deveria fazer.

2. Qual homem você pode me mostrar que coloque algum valor em seu tempo, que dá o devido valor a cada dia, que entende que está morrendo diariamente? Pois estamos equivocados quando pensamos que a morte é coisa do futuro; a maior parte da morte já passou. Quaisquer anos atrás de nós já estão nas mãos da morte. Portanto, Lucílio, faça como você me escreve que você está fazendo: mantenha cada hora ao seu alcance. Agarre a tarefa de hoje, e você não precisará depender tanto do

amanhã. Enquanto estamos postergando, a vida corre.

3. Nada, Lucílio, é nosso, exceto o tempo. A natureza nos deu o privilégio desta única coisa, tão fugaz e escorregadia que qualquer um pode esbulhar tal posse. Que tolos esses mortais são! Eles permitem que as coisas mais baratas e inúteis, que podem ser facilmente substituídas, sejam contabilizadas depois de terem sido adquiridas; mas nunca se consideram em dívida quando recebem parte dessa preciosa mercadoria, o tempo! E, no entanto, o tempo é o único empréstimo que nem o mais agradecido destinatário pode pagar.

4. Você pode desejar saber como eu, que prego a você, estou praticando. Confesso francamente: meu saldo em conta corrente é como o esperado de alguém generoso mas cuidadoso. Não posso vangloriar-me de não desperdiçar nada, mas pelo menos posso lhe dizer o que estou desperdiçando, a causa e a maneira de desperdício; posso lhe dar as razões pelas quais sou um homem pobre. Minha situação, no entanto, é a mesma de muitos que são reduzidos à miséria sem culpa própria: todos os perdoam, mas ninguém vem em seu socorro.

5. Qual é o estado das coisas, então? É isto: eu não considero um homem como pobre, se o pouco que lhe resta o é suficiente. Contudo, aconselho-o a preservar o que é realmente seu; e nunca é cedo demais para começar. Pois, como acreditavam os nossos antepassados, é demasiado tarde para gastarmos quando chegarmos à raspa do tacho. Daquilo que permanece no fundo, a quantidade é pouca, e a qualidade é vil.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.

LXVI. Sobre vários aspectos da virtude

Saudações de Sêneca a Lucílio.

1. Acabei de ver meu ex-colega de escola, Clarano, pela primeira vez em muitos anos. Você não precisa esperar que acrescente que ele é um homem velho; Mas asseguro-lhe que o encontrei são em espírito e robusto, embora ele esteja lutando com um corpo frágil e fraco. Pois a Natureza agiu de forma injusta quando lhe deu um pobre domicílio para uma alma tão rara; ou talvez fosse porque ela queria nos provar que uma mente absolutamente forte e feliz pode estar escondida sob qualquer exterior. Seja como for, Clarano supera todos esses obstáculos, e por desprezar seu próprio corpo chegou a um estágio onde ele pode desprezar outras coisas também.

2. O poeta que cantou:

Valor mostra mais agradável em uma forma que é justa

gratior et pulchro veniens e corpore virtus. ¹

Está, na minha opinião, enganado. Pois a virtude não precisa de nada para compensá-la; é sua própria glória, e santifica o corpo em que habita. De qualquer modo, comecei a considerar Clarano sob uma luz diferente; ele parece-me simpático, e bem construído tanto em corpo como na mente.

3. Um grande homem pode nascer em um casebre;

assim pode uma linda e grande alma em um corpo feio e insignificante. Por esta razão a natureza parece criar alguns homens deste selo com a ideia de provar que a virtude nasce em qualquer lugar. Se tivesse sido possível produzir almas sozinhas e nuas, ela o teria feito; como é fato, a natureza faz uma coisa ainda maior, pois ela produz certos homens que, embora impedidos em seus corpos, ainda assim rompem a obstrução.

4. Creio que Clarano foi produzido como um padrão, para que possamos entender que a alma não é desfigurada pela feiura do corpo, mas pelo contrário, que o corpo é embelezado pela beleza da alma. Agora, apesar de Clarano e eu temos passados muitos poucos dias juntos, temos, no entanto, muitas conversas, que vou em seguida verter e transmitir para você.

5. O primeiro dia em que investigamos esse problema: como os bens podem ser iguais se forem de três tipos²? Pois alguns deles, de acordo com os nossos princípios filosóficos, são primários, como a alegria, a paz e o bem-estar de um país. Outros são de segunda ordem, moldados de um material infeliz, como a resistência ao sofrimento e o autocontrole durante uma doença grave. Rezaremos abertamente pelos bens da primeira classe; para a segunda classe, oraremos somente se a necessidade surgir. Há ainda uma terceira variedade, como, por exemplo, um andar modesto, um semblante calmo e honesto, e um comportamento que se adapte ao homem de sabedoria.

6. Agora, como podem estas coisas ser iguais quando as comparamos, se você conceder que

devemos orar por um e evitar o outro? Se fizermos distinções entre eles, devemos retornar ao Primeiro Bem, e considerar qual é a sua natureza: a alma que olha para a verdade, que é hábil no que deve ser buscado e no que deve ser evitado, estabelecendo padrões de valor não de acordo com a opinião, mas de acordo com a natureza, – a alma que penetra o mundo inteiro e dirige seu olhar contemplativo sobre todos os seus fenômenos, prestando atenção estrita aos pensamentos e ações, igualmente grande e vigorosa, superior às dificuldades e às lisonjas, cedendo a nem dos extremos da fortuna, acima de todas as bênçãos e aflições, absolutamente linda, perfeitamente equipada com graça, bem como com força, saudável e vigorosa, imperturbável, nunca consternada, que nenhuma violência possa destruir, uma que os acaso não podem exaltar nem deprimir – uma alma como esta é a própria virtude.

7. Lá você tem a sua aparência externa, se nunca deve vir sob um único aspecto e mostrar-se uma vez em toda a sua integridade. Mas há muitos aspectos disso. Desdobram-se de acordo com a vida e ações; mas a própria virtude não se torna menor ou maior. Pois o Bem Supremo não pode diminuir, nem a virtude retroceder; em vez disso, é transformada, agora em uma qualidade e agora em outra, moldando-se de acordo com a função que está a desempenhar.

8. Tudo o que toca leva à semelhança consigo mesmo, e tinge com sua própria cor. Adorna nossas ações, nossas amizades e, às vezes, casas inteiras que entrou e pôs em ordem. O que seja o que for que tenha tocado imediatamente torna-o amável, notável, admirável. Portanto, o poder e a grandeza

da virtude não podem elevar-se a alturas maiores, porque o incremento é negado àquilo que é superlativamente grande. Você não encontrará nada mais reto do que o reto, nada mais verdadeiro do que a verdade, e nada mais temperado do que o que é temperado.

9. Toda virtude é ilimitada; pois limites dependem de medições definidas. A constância não pode avançar mais do que a fidelidade, a veracidade ou a lealdade. O que pode ser acrescentado ao que é perfeito? Nem se pode acrescentar nada à virtude, pois, se alguma coisa puder ser acrescentada a ela, seria necessária alguma imperfeição. Honra, também, não permite adição; pois é honrado por causa das mesmas qualidades que mencionei. E então? Você acha que a correção, a justiça, a legalidade, também não pertencem ao mesmo tipo, e que elas são mantidas dentro de limites fixos? A capacidade de melhorar é a prova de que uma coisa ainda é imperfeita.

10. O bem, em todos os casos, está sujeito a essas mesmas leis. A vantagem da situação e do indivíduo estão juntas; na verdade, é tão impossível separá-los quanto separar o louvável do desejável. Portanto, as virtudes são mutuamente iguais; e assim são as obras da virtude, e todos os homens que são tão afortunados de possuir essas virtudes.

11. Mas, como as virtudes das plantas e dos animais são perecíveis, são também frágeis, passageiras e incertas. Elas brotam, e elas afundam novamente, e por isso não são avaliadas ao mesmo valor; mas às virtudes humanas apenas uma regra se aplica. Pois a razão correta é única e de um só tipo. Nada é mais

divino do que o divino, ou mais celestial do que o celestial.

12. As coisas mortais decaem, caem, são desgastadas, crescem, são esgotadas, e reabastecidas. Assim, no caso delas, em vista da incerteza de sua fortuna, há desigualdade; mas das coisas divinas a natureza é única. A razão, entretanto, não é nada mais do que uma porção do espírito divino colocado em um corpo humano. Se a razão é divina, e o bem nunca carece de razão, então o bem é sempre divino. E além disso, não há distinção entre as coisas divinas; conseqüentemente também não existe nenhum entre bens. Daí resulta que a alegria e uma corajosa e obstinada resistência à tortura são bens equivalentes; pois em ambos há a mesma grandeza de alma descontraída e alegre em um caso, no outro um combativo e pronto para a ação.

13. O quê? Você não acha que a virtude daquele que bravamente ataca a fortaleza do inimigo é igual à daquele que sofre um cerco com a maior paciência? Grande é Cipião quando ele cerca Numância, e constrange e compele as mãos de um inimigo, que ele não poderia conquistar, para lançar mão à sua própria destruição³. Grande também são as almas dos defensores – homens que sabem que, enquanto o caminho para a morte está aberto, o cerco não é completo, os homens que respiram até o fim nos braços da liberdade. Do mesmo modo, as outras virtudes também são iguais entre si: tranquilidade, simplicidade, generosidade, constância, equanimidade, resistência. Porque subjacente a todas elas há uma única virtude – o que torna a alma reta e inabalável.

14. "O que então", você diz; "Não há diferença entre a alegria e a obstinada resistência à dor?" De forma alguma, não em relação às próprias virtudes; muito grande, no entanto, nas circunstâncias em que uma dessas duas virtudes é exibida. Em um caso, há um relaxamento natural e afrouxamento da alma; no outro há uma dor não natural. Daí que estas circunstâncias, entre as quais uma grande distinção pode ser estabelecida, pertencem à categoria de coisas indiferentes, mas a virtude mostrada em cada caso é igual.

15. A virtude não é alterada pela questão com a qual trata; se a matéria é dura e teimosa, não piora a virtude; se agradável e alegre, não a torna melhor. Portanto, a virtude permanece necessariamente igual. Pois, em cada caso, o que se faz é feito com igual retidão, com igual sabedoria e com igual honra. Assim, os estados de bondade envolvidos são iguais, e é impossível para um homem ultrapassar esses estados de bondade, por conduzir-se melhor, seja o um homem em sua alegria, ou o outro em meio a seu sofrimento. E dois bens, que nenhum dos quais possa ser melhor que o outro, são iguais.

16. Pois se as coisas que são extrínsecas à virtude podem diminuir ou aumentar a virtude, então o que é honroso deixa de ser o único bem. Se você aceitar isso, a honra perece completamente. E porque? Deixe-me dizer-lhe: é porque nenhum ato é honrado quando é feito por um agente involuntário, quando é obrigatório. Cada ato honorável é voluntário. Misture-o com relutância, queixas, covardia ou medo, e perde sua melhor característica – auto aprovação. O que não é livre não pode ser honrado; pois medo significa escravidão.

17. O honorável está totalmente livre da ansiedade e é calmo; se alguma vez objeta, lamenta ou considera qualquer coisa como um mal, torna-se sujeito a perturbação e começa a chafurdar em meio a grande confusão. Pois, de um lado, a aparência de correção o atrai, por outro, a suspeita do mal o arrasta para trás, portanto, quando um homem está prestes a fazer algo honorável, ele não deve considerar quaisquer obstáculos como infortúnios, embora os considere como inconvenientes, mas ele deve querer fazer a ação, e fazê-la de boa vontade. Pois todo ato honorável é feito sem ordens ou coação; é puro e não contém mistura de mal.

18. Eu sei o que você pode me responder neste momento: "Você está tentando fazer-me acreditar que não importa se um homem sente a alegria, ou se encontra-se sob tortura e esgota seu torturador?" Poderia dizer em resposta: "Epicuro também sustenta que o sábio, embora esteja sendo queimado no touro de Fálaris⁴, clamará:" É agradável, e não me preocupa em absoluto. "Por que você precisa se admirar, se eu afirmo que aquele que repousa num banquete e a vítima que resiste firmemente à tortura possuem bens iguais, quando Epicuro mantém uma coisa que é mais difícil de acreditar, ou seja, que é agradável ser assado desta maneira?

19. Mas a resposta que eu dou, é que há grande diferença entre alegria e dor; se me pedem para escolher, vou procurar a primeira e evitar a última. A primeira está de acordo com a natureza, a segunda é contrária a ela. Enquanto são classificados por este padrão, há um grande abismo entre elas; mas quando se trata de uma questão da virtude

envolvida, a virtude em cada caso é a mesma, quer venha através da alegria ou através da tristeza.

20. A vexação, a dor e outros inconvenientes não têm consequências, pois são vencidos pela virtude. Assim como o brilho do sol escurece todas as luzes menores, assim a virtude, por sua própria grandeza, quebra e abrande todas as dores, aborrecimentos e erros; e onde quer que seu brilho chegue, todas as luzes que brilham sem a ajuda da virtude são extintas; e os inconvenientes, quando entram em contato com a virtude, não desempenham um papel mais importante do que uma nuvem de tempestade no mar.

21. Isto pode ser provado para você pelo fato que o bom homem apressar-se-á sem hesitação a qualquer ação nobre; mesmo que seja confrontado com o carrasco, o torturador e o pelourinho, ele persistirá, não quanto ao que ele deve sofrer, mas quanto ao que deve fazer; e desempenhará tão prontamente a uma ação honrosa quanto a um homem bom; ele o considerará vantajoso para si mesmo, seguro e propício. E ele manterá o mesmo ponto de vista sobre uma ação honrosa, ainda que seja carregada de tristeza e dificuldades, como sobre um homem bom que é pobre ou desperdiçado no exílio.

22. Agora, compare um bom homem extremamente rico com um homem que não tem nada, exceto que em si mesmo tem todas as coisas; eles serão igualmente bons, embora experimentem fortuna desigual. Este mesmo padrão, como tenho observado, deve ser aplicado tanto às coisas quanto aos homens; a virtude é tão louvável se ela habita num corpo sadio e livre, como em alguém que está

doente ou em escravidão.

23. Portanto, quanto à sua própria virtude, não a louvará mais, se a fortuna a favorecer, concedendo-lhe um corpo sadio, do que se a fortuna lhe der um corpo que é mutilado em algum membro, pois isso significaria classificar inferiormente um mestre porque ele está vestido como um escravo. Pois todas aquelas coisas sobre as quais a fortuna tem influência, bens materiais, dinheiro, posses, posição; elas são fracas, inconstantes, propensas a perecer, e de posse incerta. Por outro lado, as obras da virtude são livres e insubmissas, nem mais dignas de ser procuradas quando a fortuna as trata com bondade, nem menos digna quando alguma adversidade pesa sobre elas.

24. A amizade no caso dos homens corresponde à desejabilidade no caso das coisas. Você não gostaria, eu imagino, de amar um bom homem, se ele fosse rico, mais do que se fosse pobre, e não amaria uma pessoa forte e musculosa mais do que uma pessoa delgada e de constituição delicada. Assim, nem procurará nem amará uma coisa boa que seja divertida e tranquila mais do que uma que é cheia de perplexidade e labuta.

25. Ou, se você fizer isso, você vai, no caso de dois homens igualmente bons, gostar mais de quem é limpo e bem-asseado do que daquele que é sujo e despenteado. Você chegaria ao ponto de se importar mais com um homem bom que é são em todos os seus membros e sem defeito, do que com alguém que é fraco ou cego; e gradualmente sua exigência alcançaria tal ponto que, de dois homens igualmente justos e prudentes, você escolheria aquele que tem

cabelos longos e ondulados! Sempre que a virtude em cada um é igual, a desigualdade em seus outros atributos não é aparente. Pois todas as outras coisas não são partes, mas apenas acessórios.

26. Qualquer homem julgaria seus filhos de modo tão injusto a fim de se preferir mais um filho saudável do que um doente, ou a um filho alto, de estatura incomum, mais do que a outro de pouca ou de baixa estatura? Os animais selvagens não mostram nenhum favoritismo entre sua prole; eles se deitam para amamentar todos igualmente; aves fazem a distribuição justa de seus alimentos. Ulisses apressa-se de volta às rochas de sua Ítaca tão ansiosamente quanto Agamenon acelera até as majestosas muralhas de Micenas. Porque nenhum homem ama a sua terra natal porque é grande; ele a ama porque é sua.

27. E qual é o propósito de tudo isso? Que você saiba que a virtude considera todas as suas obras sob a mesma luz, como se fossem seus filhos, mostrando a mesma bondade a todos e ainda mais profunda bondade para aqueles que encontram dificuldades; pois mesmo os pais inclinam-se com mais afeição para filhos de quem sentem piedade. A virtude, também, não necessariamente ama mais profundamente aquelas de suas obras que vê em problemas e sob pesados fardos, mas, como bons pais, ela lhes dá mais de seus cuidados de acolhimento.

28. Por que nenhum bem é maior do que qualquer outro bem? É porque nada pode ser mais apropriado do que aquele que é apropriado, e nada mais nivelado do que aquilo que está nivelado. Você não

pode dizer que uma coisa é mais igual a um objeto determinado do que outra coisa; daí também nada é mais honrado do que aquilo que é honroso.

29. Assim, se todas as virtudes são iguais por natureza, as três variedades de bens são iguais. Isto é o que quero dizer: há uma igualdade entre sentir alegria com autocontrole e sofrer dor com autocontrole. A alegria em um caso não ultrapassa no outro a firmeza da alma que afoga o gemido quando está nas garras do torturador; são desejáveis os bens do primeiro tipo, enquanto os do segundo são dignos de admiração; e, em cada caso, não são menos iguais, porque qualquer inconveniente atribuído a este último é compensado pelas qualidades do bem, que é muito maior.

30. Qualquer homem que os julgue desiguais está se afastando das próprias virtudes e está examinando meras exterioridades; os bens verdadeiros têm o mesmo peso e a mesma largura. O tipo espúrio contém muito vazio; portanto, quando são pesados, percebemos sua deficiência, embora pareçam imponentes e grandiosos ao olhar.

31. Sim, meu caro Lucílio, o bem que a verdadeira razão aprova é sólido e eterno; fortalece o espírito e exalta-o, para que ele esteja sempre nas alturas; Mas as coisas que são irrefletidamente elogiadas, e são bens na opinião da multidão meramente nos enchem de alegria vazia. e, novamente, aquelas coisas que são temidas como se fossem males apenas inspiram ansiedade na mente dos homens, pois a mente é perturbada pela aparência do perigo, assim como os animais também o são perturbados.

32. Portanto, é sem razão que ambas as coisas distraem e picam o espírito; um não é digno de alegria, nem o outro de medo. Somente a razão é imutável e se apegua a suas decisões. Pois a razão não é um escrava dos sentidos, mas uma governante sobre eles. A razão é igual à razão, como uma linha reta para outra; portanto, a virtude também é igual à virtude. A virtude não é nada mais do que razão correta. Todas as virtudes são razões. As razões são razões, se são razões certas. Se elas estão certas, elas também são iguais.

33. Como a razão é, assim também são as ações; portanto, todas as ações são iguais. Pois, uma vez que se assemelham à razão, também se assemelham umas as outras. Além disso, considero que as ações são iguais entre si, na medida em que são ações honradas e corretas. Haverá, naturalmente, grandes diferenças de acordo com a variação do material, como se torna agora mais amplo e agora mais estreito, agora glorioso e agora inferior, agora múltiplo no alcance e agora limitado. No entanto, o que é melhor em todos estes casos é igual; eles são todos honrados.

34. Da mesma forma, todos os homens bons, na medida em que são bons, são iguais. Há, de fato, diferenças de idade, um é mais velho, outro mais jovem; do corpo, – um é agradável, outro é feio; da fortuna, – este homem é rico, esse homem pobre, este é influente, poderoso e conhecido pelas cidades e povos, aquele homem é desconhecido para a maioria, e é obscuro. Mas todos, em relação àquilo em que são bons, são iguais.

35. Os sentidos não decidem sobre coisas boas e

más; eles não sabem o que é útil e o que não é útil⁵. Eles não podem registrar sua opinião a menos que sejam confrontados com um fato; eles não podem ver o futuro nem se lembrar do passado; e eles não sabem o que resulta do quê. Mas é a partir desse conhecimento que uma sequência e sucessão de ações é tecida, e uma unidade de vida é criada, – uma unidade que prosseguirá em um curso reto. A razão, portanto, é o juiz do bem e do mal; o que é estrangeiro e externo ela considera como escória, e o que não é nem bom nem mau ela julga como apenas acessório, insignificante e trivial. Pois todo o seu bem reside na alma.

36. Mas há certos bens que a razão considera primordiais, aos quais ela se dirige deliberadamente; estes são, por exemplo, a vitória, os bons filhos e o bem-estar de um país. Alguns outros considera secundários; estes se tornam manifestos apenas na adversidade, – por exemplo, a equanimidade em suportar uma doença grave ou exílio. Certos bens são indiferentes; estes não são mais de acordo com a natureza do que contrárias à natureza, como, por exemplo, um andar discreto e uma postura tranquila em uma cadeira. Pois sentar é um ato que não é menos de acordo com a natureza do que ficar em pé ou andar.

37. Os dois tipos de bens que são de ordem superior são diferentes; os primários são de acordo com a natureza, – como a alegria derivada do comportamento obediente de seus filhos e do bem-estar de seu país. Os secundários são contrários à natureza, como a força moral em resistir à tortura ou na aceitação da sede quando a doença torna os órgãos vitais febris.

38. "O que então", você diz; "alguma coisa que é contrária à natureza pode ser um bem?" Claro que não; mas aquela em que esse bem eleva-se a sua origem é por vezes contrária à natureza. Por estarem feridos, esvaindo-se sobre um fogo, aflitos com má saúde, – tais coisas são contrárias à natureza; mas é de acordo com a natureza que um homem preserve uma alma indomável em meio a tais aflições.

39. Para explicar brevemente o meu pensamento, o material com o qual o bem se relaciona às vezes é contrário à natureza, mas um bem em si mesmo nunca é contrário, pois nenhum bem existe sem razão e a razão está de acordo com a natureza. "O que, então," você pergunta, "é a razão?" É copiar a natureza. "E o que," você diz, "é o maior bem que o homem pode possuir?" É conduzir-se de acordo com o que a natureza deseja.

40. "Não há dúvida", diz o opositor, "que a paz proporciona mais felicidade quando não é atacada do que quando é recuperada a custo de grande matança". "Também não há dúvida de que a saúde, que não foi comprometida, oferece mais felicidade do que a saúde que foi restituída à solidez por meio da força, por assim dizer, e pela resistência ao sofrimento, depois de doenças graves que ameaçaram a vida em si e, da mesma forma, não há dúvida de que a alegria é um bem maior do que a luta de uma alma para suportar até o fim os tormentos das feridas ou da tortura".

41. De modo algum. Pois coisas que resultam do risco admitem ampla distinção, uma vez que são avaliadas de acordo com sua utilidade aos olhos daqueles que as experimentam, mas em relação aos

bens, o único ponto a ser considerado é que eles estão de acordo com a natureza; e isso é igual no caso de todos os bens. Quando em uma reunião do senado nós votamos em favor da proposta de alguém, não pode ser dito, "A. está mais de acordo com a proposta do que B." Todos votam pela mesma proposta. Eu faço a mesma declaração com respeito às virtudes, – todos elas estão de acordo com a natureza; e eu o faço em relação aos bens igualmente, – estão todos de acordo com a natureza.

42. Um homem morre jovem, outro na velhice, e ainda outro na infância, tendo desfrutado nada mais do que um simples vislumbre na vida. Todos eles foram igualmente sujeitos à morte, embora a morte tenha permitido a um avançar mais ao longo do caminho da vida, cortou a vida do segundo em sua flor, e quebrou a vida do terceiro em seu início.

43. Alguns recebem sua quitação na mesa do jantar. Outros prolongam seu sono na morte. Alguns são eliminados durante a devassidão. Agora, compare essas pessoas com aquelas que foram perfuradas pela espada, ou levadas à morte por cobras, ou esmagadas em um desabamento, ou torturadas até a morte pela torção prolongada de seus tendões. Algumas dessas partidas podem ser consideradas melhores, outras piores; mas o ato de morrer é igual em tudo. Os métodos de acabar com a vida são diferentes; mas o fim é um e o mesmo. A morte não tem graus maiores ou menores; pois tem o mesmo limite em todos os casos, – o fim da vida.

44. A mesma coisa é verdade, asseguro-lhe, em relação aos bens; você encontrará um em circunstâncias de puro prazer, outro em meio a

tristeza e amargura. Uma pessoa controla os favores da fortuna; a outra supera seus ataques. Cada um é igualmente um bem, embora um viaje em uma estrada plana e fácil, e o outro em uma estrada áspera. E o fim de todos eles é o mesmo – eles são bens, eles são dignos de louvor, eles acompanham a virtude e a razão. A virtude faz todas as coisas que toca iguais entre si.

45. Você não precisa duvidar que este é um dos nossos princípios; encontramos nos trabalhos de Epicuro dois bens, dos quais é composto o seu Bem Supremo, ou bem-aventurança, isto é, um corpo livre de dor e uma alma livre de perturbação. Estes bens, se estiverem completos, não aumentam; pois como pode o que é completo aumentar? O corpo é, suponhamos, livre da dor; que aumento pode haver a essa ausência de dor? A alma é serena e calma; que aumento pode haver para esta tranquilidade?

46. Assim como o tempo bom, purificado no mais puro brilho, não admite um grau ainda maior de clareza; assim, quando um homem cuida de seu corpo e de sua alma, tecendo a textura de seu bem de ambos, sua condição é perfeita, e ele atingiu a meta de suas orações, se não há comoção em sua alma ou dor em seu corpo. Quaisquer que sejam os encantos que receba em relação a estas duas coisas não aumentam o seu Supremo Bem; eles simplesmente condimentam-no, por assim dizer, e acrescentam tempero a ele. Pois o bem absoluto da natureza do homem é satisfeito com a paz no corpo e a paz na alma.

47. Posso mostrar-lhe neste momento nos escritos de Epicuro uma lista graduada dos bens, assim como

a da nossa própria escola. Pois há algumas coisas, ele declara, que prefere receber, tais como descanso corporal livre de qualquer inconveniente e relaxamento da alma enquanto se deleita na contemplação de seus próprios bens. E há outras coisas que, embora preferisse que não acontecessem, mesmo assim elogia e aprova, por exemplo, o tipo de resignação, em momentos de má saúde e sofrimento grave, a que aludi há pouco, os quais Epicuro exibiu naquele último e mais abençoado dia de sua vida. Pois ele nos diz que teve que suportar a excruciante agonia de uma bexiga doente e de um estômago ulcerado, sofrimento tão aguçado que não permitiria aumento da dor; "E ainda," ele diz, "aquele dia não foi menos feliz." E nenhum homem pode passar tal dia em felicidade a menos que possua o Bem Supremo.

48. Portanto, encontramos, até mesmo em Epicuro, bens que seriam melhor não experimentar; que, no entanto, porque circunstâncias assim o decidem, devem ser acolhidos e aprovados e colocados ao nível dos bens mais elevados. Não podemos dizer que o bem que preencheu uma vida feliz, o bem pelo qual Epicuro deu graças nas últimas palavras que pronunciou, não é igual ao maior.

49. Permita-me, excelente Lucílio, pronunciar uma palavra ainda mais ousada: se qualquer mercadoria pudesse ser maior do que outras, eu preferiria aquelas que parecem acres as que são brandas e sedutoras, e as declararia maior. Pois é uma conquista maior superar as barreiras do caminho do que manter a alegria dentro dos limites estreitos.

50. Exige o mesmo uso da razão, estou plenamente

consciente, um homem suportar a prosperidade bem e também suportar a desgraça corajosamente. Que homem pode ser tão corajoso que durma em frente às muralhas sem medo de perigo quando nenhum inimigo ataca o acampamento, como o homem que, quando os tendões de suas pernas são cortados, se levanta de joelhos e não solta suas armas; mas é para o soldado manchado de sangue que retorna da frente que os homens clamam: "Bem feito, herói!" E por isso, eu devo conceder maior louvor aos bens que foram julgados e mostraram coragem, e lutaram contra a fortuna.

51. Devo hesitar em dar maior elogio à mão mutilada e seca de Mucio do que à mão inofensiva do homem mais corajoso do mundo? Lá estava Múcio⁶, desprezando o inimigo e desprezando o fogo, e observando sua mão enquanto pingava sangue sobre o fogo no altar de seu inimigo, até que Porsena, invejando a fama do herói a quem ele impingiu o castigo, ordenou que o fogo fosse removido contra a vontade de sua vítima.

52. Por que não devo considerar este bem entre os bens primários, e julgá-lo como muito maior do que aqueles outros bens que são desacompanhados de perigo e não foram testados pela fortuna, pois é uma coisa mais rara superar um inimigo com uma mão perdida do que com uma mão armada. – E então? Você diz; "Você deseja esse bem para si mesmo?" Claro que sim. Pois esta é uma coisa que um homem não pode alcançar a menos que também a possa desejar.

53. Devo desejar, em vez disso, que me permitam esticar os meus membros para que os meus

escravos façam massagens, ou que uma mulher, ou um travesti, puxe as articulações dos meus dedos? Não posso deixar de acreditar que Múcio teve mais sorte porque manipulou as chamas tão calmamente como se estivesse estendendo a mão para o massagista. Ele havia aniquilado todos os seus erros anteriores; terminou a guerra desarmado e mutilado; e com aquele toco de uma mão ele conquistou dois reis.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.

NOTAS:

1 Trecho de Eneida de Virgílio.

2 Sêneca não está falando aqui das três virtudes genéricas (físicas, éticas, lógicas), nem dos três tipos de bens (baseados na vantagem corporal) que foram classificados pela escola peripatética; Ele só está falando de três tipos de circunstâncias sob as quais o bem pode se manifestar. E no § 36 e seguintes ele mostra que considera apenas as duas primeiras classes como bens reais.

3 O exército de Cipião montou dois acampamentos e construiu uma muralha de circunvalação à volta da cidade espanhola com sete torres a partir das quais seus arqueiros podiam atirar por cima da muralha numantina. Ele também represou o pântano vizinho e criou um lago entre a muralha da cidade e sua própria muralha. Para proteger seus acampamentos, Cipião construiu também muralhas exteriores (cinco no total). Para completar o cerco, Cipião isolou a cidade do rio Douro: nos pontos onde o rio entrava e saía da cidade, pares de torres foram construídas e, entre os pares, cabos com lâminas foram estendidos através do rio para evitar a passagem de barcos e nadadores.

4 Touro de Fálaris, foi uma das mais cruéis máquinas de tortura e execução, cujo invento é atribuído a Fálaris, tirano de Agrigento. O aparelho era uma esfinge de bronze oca na forma de um touro mugindo, com duas aberturas, no dorso e na parte frontal localizada na boca. Após colocada a vítima, a entrada da esfinge era fechada e posta sobre uma fogueira. À medida que a temperatura aumentava no interior do Touro, o ar ficava escasso, e o executado procuraria meios para respirar, recorrendo ao orifício na extremidade do canal. Os gritos

exaustivos do executado saíam pela boca do Touro, fazendo parecer que a esfinge estava viva.

5 Aqui, Sêneca está lembrando Lucílio, como muitas vezes faz nas cartas anteriores, que a evidência dos sentidos é apenas um degrau para ideias superiores – um princípio do epicurismo.

6 Caio Múcio Cévola (em latim: Gaius Mucius Scaevola). Logo depois da fundação da República Romana, Roma se viu rapidamente sob a ameaça etrusca representada por Lar Porsena. Depois de rechaçar um primeiro ataque, os romanos se refugiaram atrás das muralhas da cidade e Porsena iniciou um cerco. Conforme o cerco se prolongou, a fome começou a assolar a população romana e Múcio, um jovem patricio, decidiu se oferecer para invadir sorrateiramente o acampamento inimigo para assassinar Porsena. Disfarçado, Múcio invadiu o acampamento inimigo e se aproximou de uma multidão que se apinhava na frente do tribunal de Porsena. Porém, como ele nunca tinha visto o rei, ele se equivoca e assassina uma pessoa diferente. Imediatamente preso, foi levado perante o rei, que o interrogou. Longe de se intimidar, Múcio respondeu às perguntas e se identificou como um cidadão romano disposto a assassiná-lo. Para demonstrar seu propósito e castigar seu próprio erro, Múcio colocou sua mão direita no fogo de um braseiro aceso e disse: "Veja, veja que coisa irrelevante é o corpo para os que não aspiram mais do que a glória!". Surpreso e impressionado pela cena, o rei ordenou que Múcio fosse libertado. Como reconhecimento, Múcio confessa que trezentos jovens romanos haviam jurado, assim como ele, estar prontos a sacrificar-se para matá-lo. Aterrorizado por esta revelação, Porsena teria baixado suas armas e enviado embaixadores a Roma.